



Trabalhos selecionados para Colóquio Interno

2º Semestre 2019

Ciclo I – Jayme Antônio Paez Filho

Ciclo II – Fernando Bustamante

Ciclo III – Luísa Ribeiro Lamardo

Ciclo IV – Christiane Soares Pinto

Ciclo V – Cristiane Maria Freitas de Mello

Ciclo VI – Martha Pereira de Almeida Pinedo

Índice

Ciclo I

Jayme Antônio Paez Filho

SU INMENSO PULSO, SU PLANETÁRIO GIRO 03

Ciclo II

Fernando Bustamante

A DIALÉTICA EU-MUNDO: ESBOÇO PARA UM DIÁLOGO ENTRE A PSICANÁLISE E A PSICOLOGIA
HISTÓRICO-CULTURAL 11

Ciclo III

Luísa Ribeiro Lamardo

EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E O FEMININO NA PSICANÁLISE 22

Ciclo IV

Christiane Soares Pinto

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIVÊNCIA DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA A PARTIR
DA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA 41

Ciclo V

Cristiane Maria Freitas de Mello

A SERVIDÃO VOLUNTÁRIA NA CIDADE PERVERSA 49

Ciclo VI

Martha Pereira de Almeida Pinedo

O RITMO E O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO 55

2º Semestre 2019

Ciclo I

Aluno: Jayme Antônio Paez Filho

Título: A Escuta do Silêncio - Reflexões sobre o silêncio na clínica psicanalítica

“Nós somos medo e desejo. Somos feitos de silêncio e som. Tem certas coisas que eu não sei dizer...”

(Lulu Santos)

1. Introdução

Escolhi para reflexão um dos temas abordados na Hora Clínica do Ciclo I, mediado pela Profa. Beatriz Viana Dória, na aula realizada no dia 17/4, em que um dos colegas trouxe a seguinte questão: “Como tratar a angústia causada por uma situação de silêncio prolongado na clínica psicanalítica? É válido o analista romper esse momento com alguma intervenção, jogando uma boia para o paciente?” À partir das discussões realizadas em sala de aula e também do quanto esse tema me mobilizou, proponho algumas reflexões à luz da teoria freudiana estudada até o momento e também de outras referências com as quais tive contato na pesquisa sobre o tema.

2. Sobre o silêncio

Parto de considerações a respeito do significado do silêncio no nosso mundo contemporâneo. Somos uma sociedade cada vez mais ruidosa; vivemos numa metrópole que não silencia e, de certa forma, nos acostumamos com esse padrão. Penso que temos dificuldades em lidar com o silêncio das coisas e das pessoas. Observo uma imagem cotidiana muito frequente ao entrar em um vagão de metrô, onde a quase totalidade das pessoas está com seus fones de ouvido ligados a alguma *playlist*, ou então se entretendo com alguma série repleta de efeitos e estímulos visuais e sonoros; ou então em algum jogo

virtual igualmente ruidoso... Seria isso alguma estratégia de evitar o silêncio e consequentemente afastar os próprios pensamentos? Seria uma forma de evitar contato com nosso inconsciente?

Lembro também de situações comuns a todos, quando estamos em um grupo e repentinamente o assunto cessa. Como esse momento é prolongado (numa visão de um tempo suspenso) e gera constrangimento. Na cabeça de cada pessoa fica reverberando possibilidades de dizer algo e quebrar o silêncio, ao mesmo tempo torcendo para que outro o faça.

Temos dificuldade de encarar o silêncio numa conversa conjugal (ou DR), em que a pausa das falas gera inúmeras interpretações e julgamentos sobre o outro. Porque não diz nada? O que espera que eu fale? No que estava pensando que até parou de falar?

E não é diferente em reuniões de trabalho, num jantar com o grupo de amigos, numa corrida de táxi, etc. Esse silêncio que é barulhento e que gera ansiedade, angústia, dúvidas, necessidade urgente de alguma reação. Não sabemos onde olhar, onde colocar as mãos. Ficamos nos mexendo, buscando um conforto que não vem e uma sensação de alívio quando o silêncio se quebra de alguma forma.

Penso não ser tão diferente as emoções provocadas quando esse silêncio ocorre numa sessão de análise. Seja ele do analista ou do paciente. Um silêncio que pode ter muitos significados e que pode favorecer ou não o trabalho da análise. Parto dessa situação para apontar algumas observações e pensamentos.

3. Possíveis significados do silêncio do analisando

Talvez possamos afirmar que a primeira e mais visível interpretação do silêncio do paciente num contexto da clínica psicanalítica seja a de resistência. Aquilo que não quer ou não pode falar. Algo que habita o inconsciente e que se quer manter bem afastado da consciência. E mesmo quando vence uma resistência inicial e se constitui em forma de pensamento (imagens, palavras), não pode ser verbalizado. Eu sei, eu sinto... mas não quero dizer.

Para a psicanálise, “resistência” é um conceito que abrange algumas possibilidades de interpretação. O próprio Freud, em diversos de seus textos, utiliza “resistência” para descrever o movimento que refuta os conhecimentos e práticas da psicanálise, até mesmo pela sociedade médica e a científica de sua época.

Gostaria de me deter sobre o conceito de resistência na psicanálise, que segundo Roudinesco e Plon (1998) define como “o conjunto das reações de um analisando cujas manifestações, no contexto do tratamento, criam obstáculos ao desenrolar da análise”. Como colabora Laplanche e Pontalis (2001),

“tudo o que, nos atos e palavras do analisando, se opõe ao acesso deste ao seu inconsciente.” Eu humildemente acrescentaria à definição dada por Laplanche e Pontalis também aquilo que não se faz palavra, mas que é possível de uma interpretação por parte do analista, ou seja, aquilo que silencia. Nesse sentido, considerando os casos de neurose, a resistência pode representar uma atitude de oposição do paciente às descobertas e acesso de seus desejos inconscientes. Trata-se, portanto, de uma força do próprio inconsciente no sentido de dificultar o acesso de certos materiais ao consciente, e isso se dá pela transformação desse conteúdo. Podemos dizer que a resistência é uma forma exitosa do trabalho do inconsciente.

No entanto, a psicanálise parte da crença na cura das neuroses pela palavra. Trata-se, portanto, de uma terapia da palavra. Como lidar então com uma recusa consciente ou inconsciente do paciente à fala?

No texto “Recordar, repetir e elaborar” (1914), Freud aborda de maneira bastante detalhada a questão das resistências, naquele momento entendidas como manifestações do ego ligadas ao recalque/repressão. No texto, descreve as três etapas do trabalho analítico, iniciando pelo “recordar”, ainda baseado nos estudos sobre a histeria e o uso da hipnose como técnica para trazer à consciência as lembranças que originavam um sintoma. Nesse sentido e depois de abandonar a técnica da hipnose, Freud ainda reafirma a necessidade de resgatar as lembranças (principalmente as lembranças da infância) que ficaram recalcadas no inconsciente, agindo de forma intensa na manifestação dos sintomas.

Quando trata da “resistência”, Freud descreve o trabalho do analista que, através da escuta do paciente por meio das associações livres, busca interpreta-las e identificar as resistências, tornando-as conscientes ao paciente. Por fim, afirma que não basta nomear as resistências para o sucesso do tratamento, pois ainda há um importante trabalho de elaboração por parte do paciente, para que essas resistências não retornem ou ganhem novamente força no sistema psíquico.

No mesmo texto, aborda a questão do silêncio ao dizer que quando um paciente “guarda silêncio e afirma que nada lhe ocorre. Isto não é outra coisa, naturalmente, ... que se evidencia como resistência contra qualquer recordação”. Outra abordagem do texto diz respeito de quando um paciente silencia ao ser convidado pelo analista a dizer o que passa pela cabeça, pode também estar numa atitude de repetição de alguma situação vivida anteriormente (ou na infância), quando sentiu medo de que suas atitudes ou desejos fossem descobertos. Nesse sentido, ao silenciar na sessão ele repete o mesmo padrão já vivido. Para Freud, nesse modelo “o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições da resistência”.

Ilustro essa atitude de resistência ao tratamento com uma experiência da minha análise pessoal, realizada no final do período da adolescência. Cerca de um ano após o início da análise, num momento em que meu analista estava trazendo aspectos fundamentais e elucidando questões importantes que emergiam do meu inconsciente, resolvi me calar nas sessões deliberadamente. Cheguei a passar uma sessão toda em absoluto silêncio, numa atitude que era um misto de provocação, de contestação da “autoridade” do meu analista, de infantilidade ou um jogo de forças, enfim. Reconheço que a atitude do meu analista foi de se manter no seu papel, sem entrar no jogo proposto por mim, ou seja, ele sustentou meu silêncio planejado e aguardou que eu próprio entendesse o que aquela atitude poderia representar. Posteriormente falamos sobre isso e eu revelei que se tratava de uma estratégia de enfrentamento deliberado para testa-lo, atitude essa que eu reconheci repetir em outras situações frente a figuras que representavam autoridade para mim, naquele contexto, fundamentalmente meus pais. Foi importante reconhecer no trabalho de elaboração que minha atitude era uma resistência em lidar com questões que estavam ficando mais evidentes e das quais eu queria me distanciar e não falar.

Por esse prisma, o silêncio do paciente pode ser considerado uma forma de resistência que tem por objetivo ser uma fuga do inconsciente, mas também pode revelar sua não aderência ao tratamento e uma falta de confiança no analista. Ou então uma forma de autocensura, ou de vergonha dos próprios pensamentos, difíceis de verbalizar. Outra consideração é que por vezes o silêncio pode ser apenas um jogo de cena entre paciente e analista, uma forma de chamar a atenção.

No entanto, podemos contrapor a essa ideia do silêncio como algo negativo pensando numa situação em que uma fala fluída e bem estruturada também possa ser uma forma de resistência. Pacientes que se fixam numa postura mais racional, narcísica, com falas muito estruturadas, ensaiadas, podem estar evitando acessar seus pensamentos do inconsciente, impedindo a associação livre. Caberá à sensibilidade e experiência do analista perceber quando isso ocorre e buscar novas formas de desmontar essa estratégia de resistência.

Podemos também olhar o silêncio do paciente sob outros aspectos, além da resistência. Como nos lembra Lacan (1954), “o silêncio toma todo o seu valor de silêncio, não é simplesmente negativo, mas vale como além da palavra”.

Se considerarmos o processo interno de elaboração, o silêncio pode ser visto como um momento profundo de reflexão e que poderá levar o analisando às suas próprias descobertas / insights / conclusões.

Então como identificar no setting se um silêncio trata-se de resistência ou de um momento de elaboração? Podemos reconhecer que esse momento de silêncio gera certa angústia, mas a sustentação

da angústia não é importante também para um trabalho de elaboração por parte do paciente, a partir da revelação dos recalques no campo transferencial com o analista? Sendo assim, uma intervenção do analista poderia romper esse processo, numa atitude invasiva para com o paciente?

Busco aqui uma contribuição no pensamento de Winnicott a respeito do silêncio, que me parece importante para essa reflexão. A partir das suas observações dos comportamentos dos bebês, Winnicott nos apresenta o conceito de “período de hesitação”. Trata-se de um momento de inatividade antes de uma atitude ativa por parte do bebê e que, segundo Winnicott, representa uma forma de adquirir confiança no ambiente externo e também no objeto, nesse caso provavelmente a própria mãe. Sendo assim, poderíamos também entender o momento de silêncio do paciente na clínica como uma sondagem sobre a confiabilidade desse ambiente e do analista, que prenuncia o agir, ou o falar. Winnicott defende que esse momento é um ato de conquista do paciente e uma capacidade de estar só. Entendendo “só” não como uma fuga de si próprio ou dos seus pensamentos, mas como um encontro consigo mesmo.

Segundo suas próprias palavras: “Em quase todos os nossos tratamentos psicanalíticos há ocasiões em que a capacidade de ficar só é importante para o paciente. Clinicamente isto se pode representar por uma fase de silêncio, ou uma sessão silenciosa, e esse silêncio, longe de ser evidência de resistência, representa uma conquista por parte do paciente. Talvez tenha sido esta a primeira vez que o paciente tenha tido a capacidade de realmente ficar só. É para este aspecto da transferência no qual o paciente fica só na sessão analítica que eu quero chamar atenção.” (Winnicott, 1958).

Para ilustrar, ele nos dá pistas de como reconhecer a diferença de um silêncio que possa ser entendido como resistência, na concepção de Freud e desse silêncio como “período de hesitação”. Voltando às observações dos bebês, Winnicott diz que a hesitação, embora pareça uma imobilidade, não apresenta uma tensão. Desta forma, podemos intuir que um silêncio quando resistência pode denotar uma rigidez, ansiedade, angústia, e isso pode ser observado nos gestos e expressões do paciente. Quando hesitação ou elaboração, possa ser notado como algo mais sereno no paciente, sem excessiva ansiedade, um tempo... uma pausa. Nesse momento de hesitação, o paciente está em profunda observação e avaliação do campo, tateando o ambiente com cautela até encontrar uma espécie de intimidade (ou confiança) para poder agir e se expressar livremente por palavras e por gestos.

Podemos entender o papel do analista como alguém que entende e respeita esse momento, sem intervir ou “quebrar” o período de hesitação de forma invasiva. Vale citar um outro conceito definido por

Winnicott que é a função do *holding*, ou o cuidado que o analista deve ter com o paciente, expresso por palavras ou atitudes que revelam sua compreensão de uma possível ansiedade ou angústia do paciente, sinalizando que aquele é um ambiente seguro. Para isso, ele nos lembra de como as mães para os bebês, o analista para com o paciente deve inspirar confiança sendo regular e previsível. E esse vínculo de confiança se dá também de maneira silenciosa.

4. O silêncio do analista

Partindo da premissa do princípio de imparcialidade, de abstinência do analista e da ideia de atenção flutuante, podemos também refletir sobre seu silêncio. Quais significados podem ter na escuta clínica?

Falamos anteriormente de uma possível atitude de interferência do analista, numa fala que quebre o silêncio no *setting*. Mas podemos considerar que o silêncio do analista também pode ser uma forma importante de interferência. Na hipótese de um embate de forças entre paciente e analista, o silêncio desse último também pode querer “roubar a cena”, revelando uma postura de autoritarismo e poder. Sendo assim, o silêncio poderia também ser uma forma de resistência do analista? Um silêncio prolongado e sustentado pelo analista pode disparar sentimentos de desconforto no paciente, como o de estar sendo julgado por algo que disse.

Outra situação é quando a angústia provocada pelo silêncio fica insuportável para o paciente e um silêncio prolongado do analista pode representar uma forma de sadismo, num sentido do mecanismo físico de retenção, ou seja, numa constipação verbal. Numa atitude de negação de uma interpretação do que foi dito anteriormente, retendo para si seus pensamentos e afetos. Isso também ganha sentido de um possível abandono por parte do analista, deixando o paciente desamparado nas suas angústias e pensamentos.

De outra forma, um silêncio do analista pode ter um efeito calmante e benéfico para o paciente, criando um ambiente de atenção tranquila e segura, como aponta Winnicott. O silêncio permite que o paciente reverbere suas próprias palavras, que quanto ditas e ouvidas ganham um novo significado.

“ O silêncio está sempre presente numa sessão de análise, e seus efeitos são tão decisivos quanto os de uma palavra efetivamente pronunciada.”

(J. D. Nasio).

5. Considerações

Como em diversos conceitos e técnicas propostas na psicanálise ao longo de mais de um século e por vários pensadores, podemos considerar que não há uma regra absoluta que seja eficiente que possa abarcar a variedade de situações enfrentadas na escuta clínica. Sabemos que, como em tudo na construção da análise, as escolhas dependem de uma leitura sensível e acertada do analista para saber quando, como e se deve intervir. Sem interromper um processo de elaboração do analisando ou até mesmo respeitando a angústia da não fala. Cabe ao analista entender o que o paciente precisa naquele momento e, a depender dessa resposta, tomar a atitude de intervir ou não na quebra do silêncio. O analista precisa confortar o paciente, não desampara-lo e isso pode significar falar ou calar.

Desta forma, consideramos que a psicanálise, que nasce como uma terapia pela fala pode também ser entendida como a terapia da escuta. O analista não escuta somente o que está nas palavras, ele escuta também o que as palavras não dizem. Essa escuta se dá também além da palavra dita, vem nos gestos, nas pausas, nas expressões, nas emoções, sejam do paciente ou do analista no campo transferencial. Podemos considerar a fala como algo muito além do que é verbal. O silêncio é o lugar de sentidos que se fazem fora da representação da palavra, mas estão nas tramas que o sujeito transforma em fantasias e em imaginação. Nesse sentido, o importante é detectar o que o discurso esconde e o silêncio revela.

Podemos afirmar que na escuta clínica, como nos diz W. Reich: “a psicanálise prova o poder da palavra e prova o poder do silêncio”.

W. Shakespeare, em um de seus mais famosos dramas, coloca como palavras finais de Hamlet a célebre frase: “O resto é silêncio”. Talvez na sua grande sabedoria sobre a alma humana, Shakespeare nos convida a refletir sobre esse silêncio que anuncia a morte de um personagem, mas que não é nada silencioso, pois carrega em si o poder de ficar ecoando nas nossas cabeças e pensamentos por séculos e que aponta para outras possibilidades de interpretações além do “fim”.

6. Referências bibliográficas

- Freud, S. - Recordar, repetir, elaborar, 1914
- Roudinesco e Plon – Dicionário de Psicanálise, Ed. Zahar, 1998
- Násio, J.D. – O Silêncio na psicanálise, Ed. Zahar, 2010
- Laplanche & Pontalis – Vocabulário da psicanálise, Ed. Martins Fontes, 2001
- Pancini, Diana - “O silêncio na clínica psicanalítica a partir das concepções de Donald Winnicott e Wilhelm Reich” – Artigo publicado na Pepsic. , 2016
- Gonçalves, C. e Pancini, D. – “ Reflexões psicanalíticas Winnicottianas sobre o sentido do silêncio no *setting*” -, Artigo publicado na Pepsic, 2013

São Paulo, maio de 19.

2º Semestre 2019

Ciclo II

Aluno: Fernando Bustamante

Título: A DIALÉTICA EU-MUNDO: ESBOÇO PARA UM DIÁLOGO ENTRE A PSICANÁLISE E A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

No início do século XX, no alvorecer da psicanálise, a Rússia foi um dos países que mais precocemente começou a tomar para si os escritos de Freud e estudá-los. O russo, de fato, foi a primeira língua para a qual os escritos de Freud começaram a ser traduzidos. Assim, desde a época czarista, passando por todo o primeiro período da revolução bolchevique - marcado por um intenso e intrépido florescimento em todas as áreas da cultura, a despeito da imensa pobreza material do país devastado por duas guerras - a psicanálise foi profundamente debatida, apropriada, criticada entre os intelectuais russos. Até que o stalinismo silenciou, com mão de ferro, todos os debates no âmbito das ciências e das artes, calando tanto as vertentes mais promissoras da psicologia soviética - com destaque para o trabalho de Liev Semeónovitch Vigótski - como a psicanálise, que foi literalmente varrida do território soviético. Mas a herança que ficara foi um profundo debate de mais de duas décadas, ainda hoje pouco resgatado e explorado.

Portanto, não seria possível dentro dos estreitos limites deste trabalho sequer arriscar a pretensão de apresentar uma visão panorâmica de toda este rico e profícuo diálogo. Ao invés disso, me proponho a simplesmente tentar apresentar alguns pontos de diálogo no que tange ao tema tratado no Ciclo II - o narcisismo, e pensar este à luz de algumas concepções de Vigótski.

Vigótski e a busca pela apropriação crítica da psicanálise freudiana

L. S. Vigótski pode ser considerado, sem o risco de exageros, um dos psicólogos mais brilhantes de seu tempo. Pautando-se pelo materialismo dialético desenvolvido por Marx e Engels como guia teórico para a investigação do mundo, pretendia erigir não uma psicologia *marxista*, o que considerava algo sem sentido, mas uma psicologia científica que tomasse como pressuposto teórico o materialismo

dialético (DUARTE, 2017, p. 153). Da mesma forma que Marx procurou apoio sobre os ombros dos maiores economistas que o precederam para desenvolver sua inigualável análise da economia capitalista, efetuando uma análise crítica de suas elaborações teóricas, Vigótski partia do estudo crítico dos maiores nomes da psicologia de sua época - dentre os quais, evidentemente, destacava-se Freud. O psicólogo soviético afirmou que “Entre as grandes mentes de nosso tempo, a de Freud foi uma das mais intrépidas. (...) Freud surgiu como um revolucionário” (LURIA; VYGÓTSKI, 2017, p. 157).

Contudo, sua apreciação mais completa da psicanálise freudiana como sistema conclui que “(...) a psicanálise mostra suas tendências profundamente estáticas e não-dinâmicas, conservadoras, antidialéticas e anti-históricas. Reduz os processos psíquicos superiores - individuais e coletivos - diretamente a raízes que evoluíram pouco, primitivas, em essência pré-históricas, pré-humanas, sem deixar espaço à história (...)” (apud. DUARTE, 2017, p. 155). Uma crítica perfeitamente cabível se pensamos na tentativa de Freud de, por exemplo, estabelecer o Complexo de Édipo como um princípio psíquico universalmente presente, analisando suas raízes no mito do pai primevo da horda, o que, fundamentalmente, contradiz qualquer análise histórica concreta. Contudo, podemos pensar no próprio *Totem e Tabu* como uma tentativa de apresentar uma explicação histórica (ainda que mítica) para a origem do Édipo e do que viria a ser - em suas formulações teóricas posteriores - o Supereu, com a introjeção da culpa e a passagem do ato do assassinato do pai para a consumação psíquica deste.

Coube, efetivamente, a outros teóricos da psicanálise pensar de maneira a questão do psiquismo de maneira mais enraizada na análise histórica. E dois anos depois da dura crítica feita por Vigótski e transcrita acima, dentro do campo da própria psicanálise (ainda que fosse ser dela expulso poucos anos depois) Wilhelm Reich já formulava a crítica da concepção a-histórica de Freud em relação à teoria do recalque pulsional como base da civilização em geral. Reich afirma que Freud generaliza algo que corresponde a uma formação sociológica particular: “(...) a repressão sexual constitui a base da psicologia das massas de determinada cultura, isto é, a *cultura patriarcal* em todas as suas formas, mas não a base da cultura e sua formação em si.” (REICH, p. 43) “Não somente a própria repressão é um fenômeno social, mas também aquilo que provoca a repressão.” (REICH, 1968, p. 50).

Enfim, esse complexo debate também é algo que extrapola os limites desse trabalho, mas é necessário situar alguns aspectos. Em primeiro lugar, como o próprio Vigótski chamava a atenção, a psicanálise não constituía um sistema acabado *a priori*, mas sim um sistema que Freud foi desenvolvendo ao longo de sua prática clínica e das teorizações que advinham dela. Como um pioneiro, andava por um terreno muito difícil e constantemente reformulava e revia concepções anteriores. Assim descreveu essa trajetória o próprio Vigótski:

Como ocorre com Pávlov, Freud descobriu demais para criar um sistema abstrato. Mas, tal como o herói de Molière, que, sem se dar conta narrava toda sua vida em prosa, Freud, como investigador, criava um sistema: ao introduzir um novo vocábulo, ao relacionar um termo a outro, ao descrever um novo fato, ao extrair uma nova conclusão ia criando passo a passo um sistema. O que ocorre é que a estrutura de seu sistema é muito específica, muito obscura e complicada, e que consequentemente é muito difícil orientar-se nela [...] Por isso, esta exige uma análise metodológica particularmente escrupulosa e crítica e não a ingênua superposição dos traços de dois sistemas distintos” (LURIA; VYGÓTSKI, 2017, p. 156).

O próprio Vigótski, com sua morte tragicamente prematura em 1934, não pôde acompanhar todos os desenvolvimentos de Freud, e tampouco teve tempo de dar à sua própria obra o acabamento de um sistema desenvolvido, nos deixando com apontamentos, intuições, descobertas para aprofundar e seguir.

A segunda questão fundamental a considerar é que a própria psicanálise não se desenvolveu como uma mera reprodução ou mesmo aprofundamento das descobertas de Freud, a tal ponto que hoje é difícil até mesmo falar em *uma* “psicanálise”, considerando os caminhos muito distintos que os psicanalistas tomaram. O que não invalida - aliás, torna mais necessária - a tarefa apontada por Vigótski de uma análise metodológica escrupulosa e crítica, cuja ausência ele apontava em contemporâneos seus como seu colaborador de longos anos, Alexander Luria. Em relação às tentativas soviéticas de afirmar que o freudismo e o marxismo eram completamente compatíveis em seus pressupostos, Vigótski afirmava que era uma abordagem teoricamente ingênua e descuidada, levando a distorções grotescas tanto do marxismo quanto do pensamento freudiano (VEER; VALSINER, 1997, p. 113)

A constituição do Eu para a psicanálise

Roudinesco e Plon apontam antecessores das concepções do “Eu” iniciais de Freud nas ideias de Theodor Meynert, que concebia uma dualidade do eu na qual haveria uma parte inconsciente da vida psíquica, com raiz na infância, e um “eu secundário” ligado à percepção consciente (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 210).

A ideia de uma dualidade e do conflito como parte integrante do psiquismo permeiam todo o desenvolvimento das ideias freudianas. As questões ligadas à conformação do eu como uma instância psíquica com o status de um conceito começam a se esboçar quando Freud é levado, por seus debates

com a escola suíça de Bleuler e Jung, a se debruçar sobre a questão das psicoses - que Freud propõe denominar como parafrenias. Tratando da questão da libido do eu e sua relação com a libido objetal a partir de uma hipótese interpretativa para o caso de paranoia de Schreber, Freud em 1911 apresenta suas primeiras apreciações sobre o tema e a concepção de que há “[...] um estágio, no desenvolvimento da libido, pelo qual se passa no desenvolvimento do autoerotismo ao amor objetal.” (FREUD, 1911, p. 80) Em 1914, em “Introdução ao narcisismo”, retorna ao tema em um texto teórico de metapsicologia. Ali, afirma que “é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescente ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo” (FREUD, 1914, p.18-19). Dentro do vasto campo de discussão sobre o “Eu”, pretendemos abordar especificamente a questão dessa “nova ação psíquica” para que se conforme o Eu como instância psíquica, e que paralelos e distinções podemos pensar na psicologia de Vigótski.

Estudos como o de René Spitz demonstram como a maturação do corpo da criança possui importância fundamental e, simultaneamente, como esta se dá numa vinculação estreita com o amadurecimento psíquico nos primeiros momentos da vida. Freud já alertava, em contraposição aos que, como Otto Rank, viam no nascimento um protótipo do sofrimento psíquico e um evento traumático, que o psiquismo, longe de nascer pronto, deve passar por um processo de constituição, e, portanto, por mais que o parto represente “(...) um verdadeiro perigo para a vida. Sabemos o que isso significa objetivamente; mas num sentido psicológico nada nos diz absolutamente. O perigo do nascimento não tem ainda qualquer conteúdo psíquico.” (FREUD, 1926, p. 88). Assim, como Freud já alertava desde a concepção do conceito de pulsões (FREUD, 1915), como um ponto de contato entre o psíquico e o somático, só podemos compreender plenamente a própria percepção nos seres humanos a partir das complexas relações entre desenvolvimento do aparelho psíquico e neurológico/somático. A experiência de Von Senden relatada por Spitz em relação às cirurgias em pacientes cegos que voltavam a ter seu aparelho ocular funcional, mas que precisavam aprender a enxergar, vendo sua capacidade perceptiva subitamente desorganizada por uma inundação de novos estímulos com os quais não sabiam lidar, é muito expressiva nesse sentido (SPITZ, s/d, p. 53).

Assim, Spitz chama a atenção para o papel, que Freud já reputava como fundamental, da ação da “mãe” (cujo termo devemos atualizar para “função materna”) como agente organizador dos estímulos recebidos pelo bebê. Spitz fala dessa relação como um diálogo, dizendo que “O diálogo é o ciclo da ação-reação-ação sequencial, no quadro de referência das relações mãe-filho. (...) É este ciclo de ação-reação-

ação que torna o bebê capaz de transformar gradualmente os estímulos sem significado em signos significativos.” (SPITZ, s/d, p. 55).

Lacan, ao apresentar a teoria do estágio do espelho, irá justamente refinar o olhar sobre como a relação entre a maturação psíquica e motora se desenvolve, a partir da relação e do olhar do outro, para conferir ao humano aquilo que ele tem de próprio. Vemos um intrincado processo de criação do aparelho psíquico e dessa instância psíquica à qual podemos dar o nome de “Eu”. O contraste com nossos parentes evolutivos mais próximos, os chimpanzés, mostra com profundidade o que há de particular, de especificamente humano na relação especular com a imagem no espelho. Tomando os relatos de experiências com chimpanzés relatados por Merleau-Ponty, Lacan atesta que a inteligência instrumental destes ultrapassa rapidamente a da criança humana. Mas, ao deparar-se com a imagem no espelho, esta não causa reconhecimento.

Mas, efetivamente, o que nos importa não é a imagem no espelho em si, que possui um valor ilustrativo concreto mas é acima de tudo um modelo metafórico para falar dessa relação psíquica que se estabelece: a criança, olhada pelo Outro, imaginada pelo Outro, pode ver a si mesma em um lugar no mundo. O lugar simbólico de falo que ocupa no desejo do Outro é o suporte fundamental para que se constitua essa imagem psíquica integrada do Eu, uma totalidade ilusória “ortopédica”, como a chama Lacan.

Os saltos na consciência como transformações de qualidade entre as funções

O que vemos com os desenvolvimentos da psicanálise é que o psiquismo não nasce estabelecido, mas passa por um processo de surgimento; que esse processo não é fruto de uma maturação orgânica, de um desenvolvimento “natural” biologicamente pré-estabelecido no indivíduo ou filogeneticamente na espécie, mas, sim, que se dá num processo relacional com o outro, que é na relação com o mundo humano que se estabelecem desde as primeiras significações aos estímulos orgânicos da criança até a relação com o Outro que permite a constituição de um Eu ortopédico, o suporte de toda a função simbólica e a constituição imaginária fundamental do indivíduo.

A relação eu-mundo na psicologia de Vigótski também possui uma importância fundamental, que, debruçando-se sobre outro tipo de função psíquica (comportamento, memória e pensamento são algumas das categorias que utiliza, jamais pensando no plano inconsciente, cuja existência, contudo, admite), demonstra também um sentido muito convergente com essas conclusões sumarizadas brevemente acima. As transformações psíquicas para o psicólogo soviético ocorrem a partir de

mudanças relacionais de funções. O foco principal de Vigótski está na relação entre pensamento e linguagem, e é justamente por sua ênfase no desenvolvimento da linguagem humana como mediação simbólica do mundo que a sua aproximação com a psicanálise lacaniana é tão fértil. Ao abordar os estágio de desenvolvimento psíquico, ele diz:

Ao estudar a evolução do pensamento e da linguagem na idade infantil, vimos que o processo de desenvolvimento dessas funções não consiste fundamentalmente no fato de que dentro de cada uma delas se produza uma mudança, mas em que a mudança é no nexos inicial entre elas, o que é característico tanto da filogênese no plano zoológico quanto do desenvolvimento da criança na idade mais precoce. (...) durante o processo de desenvolvimento do comportamento, especialmente no processo de seu desenvolvimento histórico, o que muda não são tanto as funções, tal como tínhamos considerado anteriormente (era esse nosso erro), nem sua estrutura, nem sua parte de desenvolvimento, mas que o que muda e se modifica são precisamente as relações, ou seja, o nexos das funções entre si, de maneira que surgem novos agrupamentos desconhecidos no nível anterior. (VYGOTSKY, 2004, p. 105).

Assim, Vigótski afirma que num primeiro momento a criança possui uma plena integração entre os sistemas sensorial e motor, mas que o posterior desenvolvimento irá destruir essa unidade, dando autonomia ao campo motor em relação à percepção sensorial. Essa afirmação casa perfeitamente com os experimentos gestálticos relatados por Spitz em relação às respostas de crianças muito pequenas ao rosto humano. A partir do segundo mês, a ação de voltar-se para o rosto humano; a partir do terceiro, a resposta com um sorriso (desde que o rosto apresente o formato do “T” dos olhos e rosto e que se movimente). Após os seis meses, as crianças deixam de sorrir para desconhecidos, respondendo apenas aos “rostos amigos”. Vê-se que a unidade sensorial-motora da resposta gestáltica se rompe, conforme apontado por Vigótski.

Os processos de desenvolvimento psíquico apontados por Vigótski permitem vislumbrar como a linguagem progressivamente ganha importância decisiva (na verdade, ela passa a existir no psiquismo da criança) ao longo dessas transformações de nexos das funções. Por exemplo, ao tratar da percepção, ele aponta que ocorre uma “interiorização” dos procedimentos utilizados pela criança para perceber o objeto e compará-lo com outro. Isso se dá a partir do estabelecimento de uma síntese, uma fusão da percepção com a linguagem. Assim, ele afirma que “[...] a percepção do homem atual se transformou em uma parte do pensamento em imagens, porque ao mesmo tempo em que percebo vejo que objeto percebo” (VYGOTSKY, 2004, p. 110). Ou seja, a percepção é filtrada por meio de categorias de linguagem,

organizando o mundo em conceitos. Progressivamente, como diz Lacan, a apropriação da linguagem faz com que percamos o objeto.

Avançando mais, Vigótski afirma que esse nexó é destruído e outro se estabelece. Chama a atenção para a memória, a partir do experimento de pedir a crianças que pensem em palavras a partir da observação de imagens, num processo de associação livre. Aqui, como ele indica, a criança irá se apoiar não apenas na memória, mas “em sua habilidade para encontrar a analogia ou a diferença” (p. 110). A isso, que ele classifica como uma “complicada fusão do pensamento com a memória”, ele chama de “memória lógica”, e que em termos psicanalíticos seria nada menos do que uma associação livre, nesse caso motivada pelas imagens apresentadas. Neste processo, Vigótski afirma que o pensamento passa a ocupar o primeiro plano, e diz que quando pedimos a uma pessoa que pense em 50 palavras a partir das imagens que lhe oferecemos,

ela recorre ao estabelecimento de relações mentais entre o signo, a imagem e o que se lembra. Esse pensamento não tem correspondência alguma com o pensamento real do homem, mas é arbitrário; a pessoa não está interessada se está correto ou não, se é verossímil ou inverossímil o que lembra. (...) Todos os critérios fundamentais, as conexões, os fatores característicos do pensamento enquanto tal se deformam por completo no pensamento orientado para a lembrança. Teoricamente, deveríamos ter dito antes que na lembrança mudam todas as funções do pensamento. (VYGOTSKY, 2004, p. 111).

A perplexidade de Vigótski está justamente em ver em operação aquilo que a psicanálise coloca como centro, que é o inconsciente se manifestando por meio da livre associação. Vigótski procura aqui os “fatores característicos do pensamento”, o “pensamento real” quando o que opera é justamente a manifestação do inconsciente estruturado como linguagem, o deslizamento simbólico através dos significantes, o efeito de linguagem que expressa o sujeito nas frestas do seu alienamento ao Outro. Não é possível encontrar o “sentido real” desse pensamento a não ser na cadeia signifiante que se estabelece, e aí, escapa-se ao sentido científico em termos generalizantes que Vigótski procura lhe dar, justamente porque o sentido da cadeia é particular, é o que expressa o sujeito e só pode ser entendido na sua dimensão inconsciente. Assim, o que aparece para Vigótski como “arbitrário” na realidade possui a signifição que lhe é conferida na cadeia signifiante, no plano simbólico.

É esse salto de qualidade que Vigótski aponta corretamente como uma mudança de nexó entre as funções do pensamento e da linguagem: o que ocorre é que já nesse patamar temos um inconsciente, conformado pela entrada das pessoas no campo da linguagem. Aqui, a relação não é mais diretamente

com o objeto em si, mas com o plano imaginário do objeto, e também com o simbólico. Se Vigótski não chega ao ponto de apreender profundamente o sentido dessa mudança, ele compreende perfeitamente que trata-se de um novo “sistema psicológico”:

Repito, a memória não apenas muda quanto contrai matrimônio, se nos permitirem dizê-lo assim, com o pensamento, mas este, ao modificar suas funções, não é o mesmo que conhecemos quando estudamos operações lógicas. Aqui se alteram todas as conexões estruturais, todas as relações, e nesse processo de substituição de funções nos encontramos com a formação do novo sistema a que me referi antes. (VYGOTSKY, 2004, p. 111-112)

Isso, que já é um efeito pleno da entrada no campo da linguagem e do surgimento do inconsciente, Vigótski ainda vê como uma mudança do nexo estrutural entre a memória e o pensamento. Mas ele propõe “subir mais um degrau” e ver o que ele próprio classifica como a questão da linguagem, o que de nosso ponto de vista não será mais do que ver outro aspecto da mesma questão, mas que de toda forma corrobora o que discutimos até aqui.

A questão da unidade entre pensamento e linguagem como uma síntese superior do psiquismo a partir de uma interiorização da linguagem, se dá primeiro na relação com o outro - o pensamento só se constitui como tal a partir dessa relação - é a forma como Vigótski aponta aquilo que Lacan conceitua como a constituição da relação imaginária no estádio do espelho. A relação especular que está vinculada a uma maturação psíquica, e que mostra como o pensamento surge como função interiorizada da linguagem de acordo com Vigótski. É o que Lacan aponta ao dizer que “De fato, o significante, com seu jogo e sua insistência próprios, intervém em todos os interesses do ser humano - por mais profundos, primitivos e elementares que nós os suponhamos” (LACAN, 2010, p. 231).

Vigótski toma experimentos de outros autores, como J. Piaget e K. Gross, para apontar que “nas crianças em idade pré-escolar o pensamento não surge antes que a discussão tenha surgido em seu grupo social” (VYGOTSKI, 2004, p. 112) e concluir que “[...] em um primeiro momento, toda função superior estava dividida entre duas pessoas, constituía um processo psicológico mútuo. Um deles se dá em meu cérebro, outro, no do indivíduo com quem discuto [...] Somente depois começo a falar para mim.” (VYGOTSKY, 2004, p. 113).

A linguagem molda o psiquismo e a experiência com o mundo

Vigótski se restringe a tomar as questões do “comportamento” e das “funções psíquicas superiores”, como a linguagem, a abstração etc. Para ele, não está colocada a questão do inconsciente, e por isso ele não vê na linguagem, como Lacan, nenhum tipo de alienação, mas apenas a forma indispensável pela qual o ser humano pensante se constitui. Mas o sentido comum entre ambos é justamente que a constituição do que é humano se dá por meio da inscrição deste na linguagem. Para Vigótski:

Todo signo, se tomarmos sua origem real, é um meio de comunicação e, poderíamos dizê-lo mais amplamente, um meio de conexão de certas funções psíquicas de caráter social. Traslado por nós mesmos, é o próprio meio de união das funções em nós mesmos, e poderemos demonstrar que sem esse signo o cérebro e suas conexões iniciais não poderiam se transformar nas complexas relações, o que ocorre graças à linguagem.

Por conseguinte, os meios para a comunicação social são centrais para formar as complexas conexões psicológicas que surgem quando essas funções se transformam em individuais, em uma forma de comportamento da própria pessoa (VYGOTSKY, 2004, p. 114).

Em termos lacanianos, diríamos que, muito além do comportamento, a linguagem cumpre a função de dar sustentação a esse Eu ortopédico e à função imaginária. É fundamental o fato de que a linguagem precede a entrada da criança no mundo da simbolização, e, nesse sentido, a inscrição feita pelo mundo irá fazer com que a criança seja marcada pelo significante. Essa noção basilar em Lacan é convergente com a de Vigótski a respeito da função da linguagem, da função psíquica social (poderíamos dizer que se aproxima daquela do significante) se dá primeiro na interação com o outro para depois ser internalizada:

A criancinha que vocês veem brincar fazendo um objeto desaparecer e tornar a aparecer, e que se exercita assim na apreensão do símbolo, mascara, se vocês se deixam fascinar por ela, o fato de que *o símbolo já está ali*, imenso, englobando-o por toda a parte, de que *a linguagem existe*, enche bibliotecas, transborda, rodeia todas as suas ações, guia-as, suscita-as, de que vocês estão engajados, que ela pode solicitá-los insistentemente a todo o momento para que vocês se desloquem e sejam levados a alguma parte. Tudo isso vocês esquecem diante da criança que está

se introduzindo na dimensão simbólica. Portanto, coloquemo-nos ao nível da existência do símbolo como tal, enquanto nós aí estamos imersos. (LACAN apud. FARIA, 2017, p. 129)

Vigótski também explicita como o ser humano é absolutamente permeado pela organização da linguagem, e, em seu nível superior, dos conceitos (ainda que essa concepção só remeta ao plano consciente):

A idade de transição é a idade da estruturação da concepção do mundo e da personalidade, do aparecimento da autoconsciência e das ideias coerentes sobre o mundo. A base para esse fato é o pensamento em conceitos, e para nós toda a experiência do homem culto atual, o mundo externo, a realidade externa e nossa realidade interna estão representados em um determinado sistema de conceitos. (VYGOTSKY, 2004, p. 122-123).

Uma não-conclusão

Como duas teorias do psiquismo que partem de premissas e modos investigativos bastante distintos, a aproximação crítica entre a psicanálise e a psicologia histórico-cultural apresenta inúmeros desafios. Quisemos aqui apenas esboçar a possibilidade de diálogo a partir de um ponto em comum, algo para cujo desenvolvimento seria necessário uma discussão epistemológica muito profunda.

A dialética hegeliana, uma das bases fundamentais do materialismo dialético, foi também retomada por Lacan como uma das bases fundamentais para seu pensamento, e no próprio pensamento de Freud é igualmente possível perceber elementos da dialética (talvez “inconsciente”, como Leon Trótski apontava no pensamento de Charles Darwin). É a partir da concepção profundamente dialética da relação eu-mundo a partir do ponto nodal da linguagem - presente tanto em Lacan quanto em Vigótski - que procuramos aqui fazer esse esboço comparativo. Sem tomar o pensamento de nenhum destes autores como um sistema fechado e imutável - o que, aliás, contraria o próprio princípio dialético -, fica aqui apontada a possibilidade de estabelecer um diálogo difícil, porém rico, entre suas elaborações teóricas.

Referências Bibliográficas

- DUARTE, J. *Vygotski y las claves para una apropiación crítica del psicoanálisis*. In: CARPINTERO, E. (org.) *El psicoanálisis en la revolución de octubre*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Topia Editorial, 2017.
- FARIA, Michele Roman. *Constituição do sujeito e estrutura familiar. O complexo de Édipo, de Freud a Lacan*. Taubaté: Editora e Livraria Cabral Universitária, 2017.
- FREUD, S. (1911). *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia*. In: Obras Completas (1911-1913), volume 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1914) *Introdução ao narcisismo*. In: Obras Completas, volume 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1915). *Os instintos e seus destinos*. In: Obras Completas, volume 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926). In: Obras Completas, volume 20. Rio de Janeiro: Imago. Edição eletrônica.
- LACAN, J. *O Seminário. Livro 3. As psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. *O estádio do espelho como formador da função do eu*. in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- REICH, W. *A Revolução Sexual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SPITZ, R. *O Primeiro Ano de Vida*. São Paulo: Martins Fontes, s/d.
- VEER, R. V. D; VALSINER, J. *Vygotsky. Uma síntese*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- VYGOTSKY, L. S. *Sobre os sistemas psicológicos*. In: *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____; LURIA, A. *Prólogo a la traducción rusa de Más allá del principio de placer de Freud*. In: CARPINTERO, E. (org.) *El psicoanálisis en la revolución de octubre*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Topia Editorial, 2017.

2º Semestre 2019

Ciclo III

Aluno: Luísa Ribeiro Lamardo

Título: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E O FEMININO NA PSICANÁLISE

“Ora, é somente em virtude da composição poética que algo vale como começo, como meio ou como fim: o que define o começo não é ausência de antecedente, mas a ausência de necessidade de sucessão. Quanto ao fim, ele é de fato o que vem depois de outra coisa... Somente o meio parece definido pela simples sucessão: Ele vem depois de outra coisa e depois dele vem outra coisa. Contudo, no método trágico, ele tem sua lógica própria, que é a da reviravolta.”

Paul Ricoeur

O ato de tecer é uma metáfora de transformação e o espaço analítico pode ser simbolizado pelo espaço de criação, da fiação e tecelagem de memórias através da narrativa de si, onde a matéria-prima é a própria vida, sendo tecida e re-tecida dia-a-dia. Espaço de transformação e ressignificação do passado no tempo presente, pode ser também espaço de criação não apenas baseado no inconsciente recalcado, uma construção a partir de memórias também prospectivas que apenas retroativas. Espaço para criação de novos sentidos e estilos de existir singulares.

Comentando a visita que fez ao Museu Freud, Ana Maria Machado diz como “foi comovente descobrir um tear montado no escritório de sua filha Anna, entre o divã e os livros. Os fios da narrativa que cura se teciam nesse ambiente, no alvorecer da presença feminina na psicanálise.” (Machado)

Corte, costura, linhas, têxtil, texto, escrita, estilo, narrativa, feminino, criação e psicanálise, teriam aí uma ligação?

A escolha por tentar costurar esses universos se deu por vivências e memórias das artes têxteis e plásticas na minha adolescência. O universo de fios e tramas se tornou profissão, com a psicanálise tive o encantamento nos meus processos de análise e tem se tornado ofício, o fio condutor das minhas práticas é o artesanal, o processo, o feminino e a criação. A transformação como processo e efeito,

envolvida no universo têxtil e na Psicanálise é o que me impulsiona, inquieta e alegra em investigar a relação da Psicanálise implicada com a Arte.

“Este vínculo supõe uma ruptura. Este corte impulsiona o desejo de conexão”. Edith Derdyk artista têxtil, que faz uma leitura poética da tessitura e suas possibilidades de interrupção.

Na produção de um texto e de narrativas, há um gesto de traçar um fio de sentido, materialização dos pensamentos e um desenho a partir das palavras. Na etimologia da palavra texto, que tem raiz na palavra latina "texere", o significado de "tecer". Segundo o dicionário, tecer significa "tramar, entrelaçar, fazer algo através da justaposição de fios". Considerando isso, o texto escrito pode ser concebido como uma composição, um tecido de significados. Elaborar um texto é tecê-lo com as palavras, tramá-lo, uni-lo, tal como num tecido os fios se entrelaçam.

As cores dos fios e os novelos, o próprio tecer e a criação de um texto, podem ser associados metaforicamente à liberdade de inventar. E inventar é fabular, é narrar o processo de constituição de si.

O trabalho artesanal pode ser uma metáfora para o trabalho em análise, onde o tempo não é o tempo industrial ou digital, feito numa larga escala e de maneira acelerada. É um processo lento, em um tempo que não é o cronológico, cada paciente tem um ritmo e um idioma pessoal, assim como cada analista tem uma maneira singular de manejar o trabalho em análise. O trabalho do artesão produz uma peça única e cada análise tem efeitos singulares, não sendo um espaço para fórmulas ou receitas. A análise e o trabalho manual são feitos de restos, marcas, fragmentos, resgatando o passado no presente e tramando um futuro. Na transferência os sentidos são tramados num trabalho de criação conjunta, em que o analista empresta seu corpo e inconsciente, buscando escutar e sentir as entrelinhas, o avesso da trama, o inconsciente, num trabalho artesanal cuidadoso, com tato, e convida o paciente a entrar em contato com o seu avesso. Temporalidade e a memória são matérias primas para a análise, infindáveis fios.

Na tessitura desse trabalho, nas tramas e urdumes dos têxteis, do feminino e da experiência estética do encontro analítico, algumas perguntas que me guiaram foram: Como o feminino se relaciona com a dimensão da criação poética na experiência em análise? O feminino em Freud abarca essa dimensão? De que maneira a criação na experiência em análise e o feminino freudiano revisitado se relacionam com questões vitais para a psicanálise nos dias de hoje?

O percurso na análise é atravessado pela escuta implicada do analista e sua disponibilidade afetiva na apreensão dos movimentos subjetivos do analisando. Sublimação e criação tornam-se

concepções importantes para a invenção permanente de “novos objetos de satisfação erótica e recriação de si”.(Kupermann)

A forma afetiva é da ordem da vivência, vivência corajosa o suficiente para enfrentar o novo. **“O cotidiano, desamoroso do inédito, aponta para o nada. O cotidiano vivenciado na disponibilidade do diferente, ao que já estava aí mas que não chegou ainda, este cotidiano é amoroso”.** (Fonseca,1998)

Sujeito constituído enquanto processo, trabalho artesanal, artesão de si, em construção. É através da experimentação de continuidade de ser (Winnicott, 1979) ao ser cuidado pelo outro humano-como o analista, que se oferece como campo de escuta e ressonância afetiva, que o sujeito se constitui enquanto processo. Na presença de uma outra escuta, o analisando pode viver os medos mais terroríficos, a dor mais temida, o próprio abismo, passando então a poder imaginá-las, dar-lhe nomes, elaborando-as. Experimentar ser cuidado envolve, confiança/ desconfiança, esperança/ desesperança.

Confiança, nesse processo de se constituir sujeito enquanto processo é um tema importante, a etimologia da palavra confiar tem uma relação íntima com a da palavra fiar, que é oriunda do universo têxtil: do latim *Confidere*: ter fé, esperar, acreditar em alguém ou alguma coisa, ter fé e esperança, fiar, ter confiança, fiarse. Do latim *Filare*: fiar, urdir, tramar, maquinar. Do latim *Fiadare*: fiar-se, confiar em, ser o fiador de, esperar, acreditar, confiar (Dicionário Aurélio).

A confiança é requisito necessário para alcançar o campo fértil do consentimento no abandono do controle racional. Não se trata de descontrole, mas algo que exige coragem, empenho no dia a dia trágico, aspecto fundamental inclusive para a formação do analista, que segundo Fonseca se adquire: “ao se viver a aventura de vir a confiar no outro humano com escuta de ressonâncias, uma escuta a partir do lugar da poética”. O percurso de formação do analista, exige a disponibilidade do interessado em acessar seus próprios quartos escuros. É preciso entrar em contato e estar apto a acolher as próprias angústias para acolher a daqueles que o procuraram, importante para que a teoria não venha em primeiro lugar em detrimento da escuta.

O sujeito em análise frente a ruptura da dimensão perceptiva do comum, é capturado pelo que Fonseca nomeia como *corpo de sonho*: um movimento, estado de arte ou estado de risco, sua emergência implica no abandono das garantias e referências do suposto saber, que o desloca do horizonte das representações para o campo da poética. Para Birman (1996), a experiência do desamparo está intimamente ligada ao território da feminilidade, assim como a erotização dele através da sublimação. A criatividade e jogo erótico são ligados ao trabalho necessário em direção a outras formas de se inventar tanto para homens quanto para mulheres. Será a feminilidade necessária ao sujeito que permitirá

reencontrar a dimensão da poesis na experiência em análise, assim como a perda da crença nos enunciados universais.

Como os afetos, sensações e vivências, o estado de sonho não é o corpo, mas emana dele, sendo experimentado como corpo de sensações, corpo de afetos ou vivências. **“A poética do afeto é a forma mais visceral de conhecimento”.** (Fonseca)

Instrumento usado também pelo analista na sua escuta, o corpo de sonho permite simultaneamente dois movimentos: o mergulho no estranho, que é feito de sensações, vivências, afetos e o distanciamento deste para alcançar conhecer com o saber que permite sonhar. Isso pode ser definido como aspecto do procedimento estético, que captura o autor da escuta- o analista- tornando o parte fundamental do processo criativo.

Aprendizagem do não saber, viver em estado de risco. Brincar, criar e o inventar são estados de risco. Para Winnicott (1979) estados de riscos precisam ser experimentados pelo analisando, na presença de outro humano, o analista, não para ficar refém da experiência do terror sem nome, mas para deixar de sê-lo e elaborá-lo na passagem para a dimensão trágica da vida.

Nessa perspectiva, o corpo do sonho é então a própria dimensão da feminilidade, que revisitado na teoria freudiana por autores pós freudianos das mais variadas formas, através de sua positivação- em estudos no campo da sexualidade, da pulsão e da constituição da subjetividade- elaboram um outro conceito de feminilidade, a partir da crítica ao paradigma fálico, com base na própria teoria freudiana. Um ensaio bastante trabalhado por esses autores é Análise terminável e interminável (1937), no qual Freud apresenta de forma negativa o impeditivo de conclusão de uma análise- a desautorização da feminilidade. Autores pós freudianos a partir de brechas e das muitas camadas dos escritos de Freud, positivaram o conceito de feminilidade e o colocam como meta em análise- a admissão da feminilidade- tanto para homens como para mulheres. Freud estaria colocando como final de análise a possibilidade de um modo de funcionamento psíquico que superasse a lógica fálica. A feminilidade colocada dessa forma representa a castração simbólica, colocada como meta e marco do fim uma análise, que pode ser dita como engedramento autopoietico- que é autocriação, produzir mudanças em si mesmo, alteridade no registro da imanência, potência da criação de um estilo singular e abertura para o diferente.

O sonho, o mito, a literatura, a arte e suas derivações como a costura e o bordado, e a sessão analítica, são formas expressivas pelas quais o sentimento se manifesta e tem sua origem enraizada na poética. O sonho, a metáfora grande da psicanálise, permeia a sessão analítica, assim como a arte. Os estudos de Freud sobre o sonho foram muito importantes para a compreensão da obra de arte como forma lógica do sentimento humano. Embora Freud tenha privilegiado nos seus escritos sobre os sonhos,

as formações do inconsciente recalcado e do sintoma, derivado do desejo infantil. Essa via envolve um distanciamento, um falar sobre a obra de arte, uma interpretação da mesma via discurso. Por outro lado, uma apreensão econômica da multiplicidade de sentidos, oferece a possibilidade de viver a obra de arte, um modo de abordar a obra por meio da lógica própria a ela. Pois não seria o discursivo, a lógica da obra de arte.

“A arte não cabe. Sempre vai além”. Flávio Motta

A Psicanálise da Arte sugere “um modo de trabalhar muito peculiar que se poderia designar mais precisamente psicanálise implicada”(Frayze).

Frayze, psicanalista que estuda a relação da Psicanálise com a Arte, nos convida a refletir essa relação de maneira implicada e não aplicada, pois no âmbito aplicada as obras de arte seriam como que descritivas de conceitos psicanalíticos ou verificação do método. Já a psicanálise implicada com arte considera os efeitos singulares da obra em relação com o espectador, logo criadores não são apenas os autores das obras, mas também quem as vê, o espectador. E deve contar com uma disponibilidade para a percepção semelhante à escuta psicanalítica, no que esta tem de facilitar o fluxo de associações do analisando.

As interrogações colocadas pela psicanálise diante da obra de arte, favoreceram e integraram o desenvolvimento da teoria psicanalítica, para Freud as experiências estéticas e o processo criativo estão atrelados as experiências psíquicas no geral. A respeito das recordações de Leonardo da Vinci (1910), Freud repensou a temática da sublimação e introduziu o conceito de narcisismo. Frayze (2010) provoca ao dizer “não seria factível à Psicanálise sair desse circuito autorreferente e servir-se das artes como uma perspectiva legítima de interrogação?”.

No ensaio Estranho/familiar (1919) em oposição ao belo e ao prazer, Freud destaca os aspectos repulsivos e desagradáveis, como presentes nas experiências estéticas, ou ilimitação no sentido vasto. Que pode ser aproximado do que as teorias estéticas definem como sublime.

Em Escritores Criativos e Devaneios (1907), Freud fala da importância do brincar como forma de criação na vida adulta, mas é no ensaio Moisés de Michelangelo (1914) que Freud revela os efeitos que a arte teve para ele próprio, expressando sua comoção diante do Moisés realizando uma confissão estética: “as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito...Isto já me levou a passar longo tempo contemplando-as, tentando apreendê-las à minha própria maneira, isto é, explicar a mim mesmo

a que se deve esse efeito”, ao escrever a propósito da obra, não propõe nenhuma teoria de conjunto do criador ou da criação.

Frayze diz: “Diante de Moisés, o espectador sente ao mesmo tempo admiração e terror e Freud deseja compreender a origem dessas impressões, não para destruí-las mas para ampliá-las”. O sentido estético para Freud, pertence à esfera do vivido: “uma inclinação mental em mim, racionalista ou talvez analítica, revolta-se contra o fato de comover-me com uma coisa sem saber por que sou assim afetado e o que é que me afeta” (Freud 1914). Freud parece escutar-se para depois analisar o que ocorreu nessa transferência com a obra, teria atingido um não saber sobre a obra, uma “ignorância sabia”. Não seria esse aprender a desaprender necessário para se afetar no encontro com as diferenças?

Na leitura freudiana da experiência estética tem de um lado que a obra é um objeto a ser decifrado e do outro a de que obra deve ser visível, pensada enquanto experiência tanto para quem cria, quanto para quem aprecia. Nesta última, o sentido não está latente na obra ou na brincadeira. Está aberto para ser construído entre obra e quem a frui. Processos e formas de expressão ganham destaque, fazendo dos processos de transformar, simbolizar, significar experiências mais importantes do que é transformado ou simbolizado. Esta formulação se articula as contribuições de Winnicott em *Brincar e Realidade* (1971), na ênfase que dá, não a conteúdos a serem revelados nas brincadeiras de crianças, mas na capacidade de brincar.

A obra freudiana não se fez como um sistema, manteve-se como uma obra aberta, inacabada. No pensamento freudiano alguns conceitos vão se modificando no decorrer de sua obra, como a primeira e segunda tópica e o conceito de pulsão, possibilitando assim outras leituras e formulações. A obra freudiana é uma trama, porém não é fechada, inacabada como uma obra de arte também é, e como tal os ensaios de Freud devolveram a ele um universo ainda mais interrogador. O que se imaginava saber ou relatar foi devolvido com muito mais questões, como a questão da feminilidade, que no decorrer de sua obra tem diferentes leituras, sem que um conceito posterior necessariamente anule o anterior. Assim é que autores posteriores e contemporâneos a ele fizeram releituras no sentido de criações da obra freudiana, não deslegitimando seus conceitos.

“Um projeto é ao mesmo tempo uma visão e uma construção que leva alguém para ‘além de si’ para poder retornar, com um espírito de revisão e reconstrução, às condições políticas do presente”. Bhabha

Freud quis aproximar a teoria psicanalítica da ciência, seus primeiros ensaios revelam esse caráter determinista, é interessante notar que ao longo de sua trajetória, Freud vai construindo a teoria

psicanalítica e esta se aproxima dos campos da arte e da estética, campos férteis para elaborar estilos clínicos frente a formas de sofrimentos contemporâneos. Segundo Frayze, “a experiência estética é vizinha da experiência analítica: uma silenciosa abertura ao que não é em nós e que em nós se faz dizer”. A psicanálise parece não se tratar de uma vocação exclusiva da ciência ou da arte, parece ser mais uma sobreposição que exclusividade. A imagem de tecelagem como construção sugere algo diferente da escavação e do trabalho do arqueólogo que Freud comenta no início de seus escritos, e pode ser uma metáfora para a aproximação da psicanálise ao campo da estética. Se no início de seus escritos como em *Interpretação dos Sonhos*, Freud privilegiou as formações inconscientes, no registro do determinismo psíquico, fundando a clínica freudiana através da certeza da existência de uma verdade enterrada no psiquismo, tendo a interpretação como instrumento do ato analítico para trabalhar a resistência. Ao longo dos seus escritos Freud desloca-se para o registro econômico, das pulsões, do indeterminismo psíquico e complementa o instrumento da interpretação a noção de construção formulada em *Construções em Análise* (1937).

Ao fim de seus escritos Freud deu ênfase para a dimensão econômica do psiquismo com a introdução do conceito de pulsão de morte levando-o, em definitivo, para o campo do indeterminismo psíquico. Essa via do indeterminismo ocasionou uma ruptura ainda mais significativa com o discurso biologizante, determinista da medicina científica. Através da concepção de pulsão de morte, sem representação, foi concebido também um novo conceito para sublimação.

Na obra freudiana não encontramos um ensaio exclusivo para o conceito de sublimação, o conceito aparece de forma fragmentada em sua obra para abordar diversas questões. A sublimação é um dos destinos da pulsão e consiste no processo de desvio das forças pulsionais sexuais para um alvo não sexual, em atividades socialmente valorizadas, como a arte, a ciência e o esporte. A primeira concepção de sublimação em Freud, afirma que os neuróticos adoecem porque tentavam sublimar demais, foi formulada em um contexto que a hipótese da repressão predominava. A moral sexual civilizada se oporia às forças das pulsões sexuais, obrigando-as um desvio de seu alvo original (da satisfação sexual), em prol de finalidades mais aceitas, como o trabalho científico ou artístico. Apenas uma minoria talentosa suportaria esse desvio. A maioria que tentasse sublimar adoeceria, sucumbindo a neurose ou a perversão. Esse conceito de criação sublimatória estaria atrelada ao paradigma cientificista da modernidade, para o qual a referência privilegiada da atividade produtiva era o do trabalho alienado, vigente desde a revolução industrial e endossado pelo sistema de produção capitalista. Na lógica cientificista o trabalho criativo não é então muito bem compreendido. E nesse contexto a psicanálise não

teria a criação sublimatória como visada, mas seria aliada da satisfação pulsional e não da sublimação. A interpretação se daria da revelação do recalcado e não por intermédio da criação sublimatória.

No ensaio *Escritores Criativos e Outros Devaneios*, quando através do paradigma estético, tendo a arte e o brincar infantil com fontes inspiradoras, que Freud aponta para uma nova concepção de sublimação, não mais como alvo da pulsão e sim como invenção permanente de novos objetos de satisfação erótica e recriação de si. “A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real”, é apenas no sentido de que a criança investe intensamente na atividade lúdica, tornando-a séria para ela. Ao brincar, a criança “reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrada”, ou seja que lhe possibilite a produção de um sentido singular para a experiência vital. Então, não haveria deslocamento entre o campo do jogo infantil e o da realidade. Sendo justamente essa conexão o que distingue o brincar criativo na criança e a atividade artística- do fantasiar neurótico.

Mas é somente a partir das formulações de narcisismo e de pulsão de morte, bem como os componentes da segunda tópica, com destaque para o superego, é que o conceito de sublimação tem uma definição mais radical. Pois a categoria de pulsão de morte que não é ligada a representações, está na origem de todo processo criativo, como força desterritorializada passa a exigir permanentemente do psiquismo trabalho criativo. Nas situações em que a força da pulsão de morte não puder ganhar expressão criativa, se instalam os sintomas, pois uma vez que enclausurada no circuito fechado do narcisismo, sua intensidade estaria disponível para ser apropriada pelo superego. Em *O Ego e o Id* (1923), Freud revela que quando a criação não pudesse acontecer, a força pulsional “dessexualizada”, seria captada pelo ego tirânico, produtor de compulsão a repetição. Em *Sobre o narcisismo* uma introdução (1914) Freud cita os versos de Heine: “A doença foi sem dúvida, a causa final de todo anseio de criação. Criando, pude recuperar-me; criando, tornei-me saudável”. O adoecimento não estaria mais na repressão da sexualidade, onde o processo civilizatório se sustenta, que pode ser bastante liberado e incitado, segundo Kupermann, mas estaria no impedimento da criação de estilos de existência singulares.

O recurso da interpretação foi questionado por Freud no ensaio *Construções em análise* (1937), e no ensaio anterior *Recordar, repetir e elaborar* (1914) Freud discute sobre os desafios de fenômenos que se expressam em ato, tais como compulsão e a repetição, já que a clínica da primeira tópica de rememoração e associação livre não abarcavam tais intensidades. No ensaio *Análise Terminável e Interminável* (1937) surge o termo feminilidade como “uma rocha de base impossível a se ultrapassar”, Aran diz que esse contexto trouxe: “um limite para um fazer analítico baseado na interpretação daquilo

que já estava posto”, a autora sublinha que a um só tempo Freud se refere a um limite da técnica psicanalítica como também das subjetividades ancoradas em uma lógica fálica.

Caberia a clínica buscar promover a emergência de processos criativos nas subjetividades comprometidas nas suas capacidades expressivas.

Criar erotizando a existência ou então sucumbir aos efeitos restritivos do super eu tirânico, é a maneira que a experiência clínica pode facilitar a emergência de processos criativos. Apesar do fim da obra freudiana construir tais constatações, parte da comunidade psicanalítica conforme ressalta Kupermann, mantém a interpretação como instrumento importante na clínica. O foco nesta abordagem é remeter o sujeito por intermédio da interpretação das suas formações inconscientes, das suas resistências e de seus fantasmas, ao seu desamparo, acreditando que a criação viria através da transferência, que permitiria a suportabilidade desse estado de desamparo, antes insuportável e traumatizante, facilitando então a emergência de processos criativos, de responsabilidade então pelo analisando. Acreditando na espontaneidade da sublimação, sem que necessariamente o analista devesse estar implicado diretamente na emergência desses processos criativos.

Nessa perspectiva, a concepção teórico-clínica baseada na interpretação mesmo que revisitada diz Kupermann, originou alguns efeitos indesejados como analisandos remetidos ao isolamento de seu desamparo, traumáticamente abandonados, teriam esse aspecto perpetuado na transferência. Segundo o autor paralelamente as considerações freudianas no fim de sua obra, emerge um outro estilo clínico, que estaria para além dos procedimentos técnicos e interpretativos, o analista se entendia implicado de modo sensível nas produções da análise.

As formas de sofrimento humano se transformam de acordo com o tempo em que estão inseridos, se na época de Freud eram os quadros neuróticos que ele lidava em sua maioria, segundo Suely Rolnik atualmente o que se vê mais claramente é um “desvigor para suportar a passagem para a dimensão trágica da vida”. Para Rolnik atualmente assistimos a algo que ela compreende como uma espécie de pânico imobilizante, que impede o ingresso do sujeito na dimensão trágica da vida. Para a autora pode-se chamar também de enfraquecimento da confiança, a qual tanto permitiria que nós nos percebêssemos como processos, como permitiria que soubêssemos que a vida é maior que nós, estando além do controle onipotente.

Nessa perspectiva com a percepção que há uma diferença irreduzível entre o que se chamou de desamparo- a experiência de desterritorialização e de movimento promovida pelas forças pulsionais- e o abandono do traumático, que levou a criação de uma outra sensibilidade na clínica psicanalítica, configura-se o que Kuperman denomina de *clínica do sensível*. A diferença entre a capacidade de estar

só –referente ao desamparo criador- e o abandono do traumático- são os principais aspectos e são trabalhados anteriormente por Ferenczi. Esta produção de sentido é entendida como efeito de um encontro entre analista e analisando, que se torna possível pela criação de um espaço de jogo no qual são produzidos sensações e afetos cuja expressão é em si, produtora de novos modos de subjetivação. Neste estilo clínico não haveria uma rígida separação entre analisando, ou um isolamento destes, e é um contraponto a suposta neutralidade do analista, este se vê implicado pelo procedimento estético da experiência analítica.

Analista e analisando participam do processo criativo. Este estilo clínico no qual o analista está implicado, pode ser também chamado de clínica implicada, importante para questões vitais para psicanálise nos dias de hoje, como as questões raciais. Que voltarei a abordar até o fim desse trabalho.

O feminino freudiano

Ao debruçar-se sobre um autor é importante contextualizá-lo a sua época, suas nuances, costumes, políticas e valores. O pensamento está atrelado a seu tempo, as causas de mal estar da cultura, os sofrimentos e subjetividades se transformam. A psicanálise é fundada numa perspectiva patriarcal, isto é um fato, porém é reducionista e simplista se ater a isso e não considerar as imensas contribuições que Freud e a teoria que fundou, proporcionou tanto para o tratamento psíquico de sujeitos, que no início eram inclusive mulheres – na clínica da histeria- como Ana O, sua primeira paciente- tanto para desenvolvimento da própria teoria que foi sendo atualizada e rediscutida por outros autores ao longo dos anos. Estudar psicanálise à partir de Freud é fundamental inclusive para elaborar e alcançar pensamentos desenvolvidos posteriores a ele.

A psicanálise e o feminismo são concebidos na mesma época, finais do século XIX, porém tiveram elaborações e atuações diferentes ao longo do século XX, tendo sua relação marcada por polêmicas, pontos de contato, de divergências, aproximações e distanciamentos. Freud rompeu com a lógica cartesiana do sujeito e herdou o pensamento iluminista que produziu uma série de discursos com intuito de adequar mulheres num conjunto de atributos, funções e restrições denominado feminilidade. Concepções que tentavam definir sujeitos e diferenciar homens de mulheres a partir de um pressuposto de essências ligados a natureza dos corpos, suas anatomias e no caso das mulheres sua capacidade procriadora. Atributos como recato, docilidade, bondade e a passividade eram tidos como naturais da mulher, da feminilidade, atributos desejados para que a mulher correspondesse ao destino desejado, o espaço doméstico e a família, assumindo o único lugar social esperado, a maternidade, influenciando

Freud em seus primeiros ensaios. Além disso ao conceber o monismo sexual nos Três Ensaios (1905), onde diz que as crianças só reconheceriam o masculino como único órgão sexual e posteriormente em Organização genital infantil (1923), ao formular a fase fálica da sexualidade, atribuindo ao falo uma primazia. Nessa mesma época diversas psicanalistas contestaram essa concepção, Melanie Klein ficou conhecida por ser opositora da tese de libido única de essência fálica. Assim como ela Helen Deutsch e Karen Horney, discutiram na época exaustivamente a questão da feminilidade e do complexo de Édipo. Melanie Klein foi a que mais protagonizou nos círculos psicanalíticos europeus as críticas à sexualidade feminina, vai então para a Europa e foi um dos principais nomes da escola inglesa de psicanálise, responsável por transformar a teoria freudiana clássica.

O pensamento iluminista influenciou também as primeiras ideias feministas da Europa ao valorizar a emancipação individual, a supremacia da razão e ao recusar a ideia de um sujeito submetido ao divino. Freud parte de estudos e práticas clínicas para conceber a teoria psicanalítica, suas reflexões sobre um outro psiquismo subverteram as ideias iluministas, de sujeito universal e consciente, porém não questionou o fato desse sujeito ser branco, europeu, burguês e homem. Isso é uma questão e gera polêmicas para os feminismos de uma maneira geral.

Simone de Beauvoir ao dizer na célebre frase, “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, rompeu com as naturalizações impostas historicamente às mulheres, dualismos mulher/ privado e homem/ público não se sustentavam mais, se estabelece aí novos paradigmas para pensar os lugares e papéis que as mulheres ocupam, os destinos para a feminilidade não seriam exclusivamente a maternidade.

Freud apesar de fazer uso recorrente da análise de fenômenos coletivos para compreender processos individuais, e afirmar em seus escritos que “a psicologia individual é, ao mesmo tempo, social”, não considerou as diferenças de raças, classes sociais e gêneros, que somos convocados a refletir e elaborar no período colonialista e pós colonialista do século XX e XXI. Para construirmos uma Psicanálise à Brasileira, é preciso que consideremos e nos impliquemos com questões que no contexto em que a teoria freudiana foi criada não se tratou de se olhar, a psicanálise recalcou essas diferenças, e também não foram essas as questões e diferenças que se colocaram em voga no início de sua concepção. Embora os pensamentos de Marx estivessem revolucionando o conhecimento filosófico, econômico e social sobre a formação de classes do sistema capitalista. A ruptura do pensamento de Freud se fez em relação ao questionamento da organização do psiquismo frente ao sofrimento psíquico. A questão da sexualidade que é central para a psicanálise, é provavelmente o conceito que mais sofreu alterações ao longo das décadas, assim como o da diferença sexual.

Positivação da feminilidade

A predominância da lógica fálica na sexualidade feminina e seus efeitos representou um grande impasse para a teoria freudiana, sendo bastante contestada. A feminilidade tem um longo percurso na teoria freudiana, é a partir mesmo de Freud que diversos autores contemporâneos partem de brechas para positivá-la, através de conceitos psicanalíticos rearticulados como pulsão, erotismo, sexualidade perverso-polimorfa, masoquismo erógeno, eu real originário e desamparo, não tenho pretensão nesse trabalho de me aprofundar em todos eles.

O feminino para Freud ficou no campo do enigma e do obscuro, a figura do masculino sempre pareceu a Freud mais evidente. Birman considera que essa posição freudiana é reveladora de uma manutenção da concepção antiga de que o homem seria a representação da perfeição e a mulher da imperfeição. Neste sentido, a obscuridade feminina só poderia ser compreendida a partir da transparência masculina:

“O discurso freudiano repetiu, portanto, num momento histórico posterior, o que o discurso anatômico realizou até o século XVII, isto é, estudou o psiquismo pelo paradigma masculino da perfeição, deduzindo daí o feminino” Birman

Freud através da concepção do monismo fálico, coloca o masculino como origem do aparelho psíquico, para os autores Joel Birman e Marcia Arán, a reviravolta é colocar a feminilidade como solo da origem psíquica, no momento em que o falo não é referência. Essa seria a novidade que despontou no discurso freudiano sobre a feminilidade como originária e tendo relação com o desamparo fundamental da condição humana, sendo a organização fálica uma derivação ou uma forma de ocultar o registro anterior. Portanto, a concepção monista fálica da sexualidade se faria em oposição à feminilidade e como uma recusa a esta. Essa é uma inversão de todo o modelo Ocidental que tem o masculino como originário, sendo base para a sociedade patriarcal:

“ A ordem humana seria, portanto, imperfeita como origem, pretendendo recusar sua imperfeição pela recusa da feminilidade. Além disso, reconhecer a imperfeição e a feminilidade como origem seria, em contrapartida, afastar definitivamente nossa fundação em Deus e no Cosmos, que estaria representada na inscrição anterior da masculinidade como originário”. Birman

Arán comenta que por conta do processo civilizatório, houve um afastamento da natureza, da imanência e das experiências sensíveis em direção a uma intelectualização e uma racionalização da vida. Procurou-se deixar de fora o que é da ordem do excesso, do pulsional e do singular, e seria isso também

o que acaba fazendo Freud, ao se afastar do que é da ordem do feminino e que não se alinha ao processo civilizatório moderno.

Autores como Joel Birman e Márcia Arán, que buscam positivar o feminino, retomam que os primeiros momentos de mãe e filho são de uma experiência do feminino positivamente qualificada. Os primeiros cuidados da mãe com o bebê constituem um investimento primordial e essencial para a sobrevivência do bebê, momento em que se insere a sexualidade em sua vida. Os bebês e crianças estão não somente num universo lúdico, mas num universo permeado pelo jogo erótico, que é atravessado pela fantasia. Os autores retomam o que Freud percebe mas não sustenta nos seus escritos: “ Nossa compreensão interna dessa fase primitiva, pré-edipiana, nas meninas nos chega como uma surpresa, tal como a descoberta, em outro campo, da civilização mino-micênica por detrás da civilização da Grécia”, Freud em 1931 no ensaio “Sobre sexualidade feminina”. Apesar de Freud se dar conta dessa outra dimensão que se desvelou, o que ele ressalta nesse ensaio é: “que na dependência com a mãe, encontra-se o germe da paranóia posterior das mulheres que se manifesta por meio do medo muito comum de ser morta por ela”.

Arán aponta que a forma de pensar a subjetivação na Modernidade implica em tentar apagar o território erógeno do feminino, como o registro da experiência sensível em nome de um modelo de subjetivação que não dá margem para o que é da ordem do singular. Dessa forma, Arán destaca em *Aveso do Aveso* o pensamento de Schneider, que observa essa operação de abandono do singular em prol de um modelo único presente no interior da obra freudiana.

No momento em que Freud referiu-se ao abandono de sua “neurótica”, isto é, ao abandono da teoria da sedução em nome do complexo de Édipo, comenta que Freud começa a teorizar sobre o Édipo justamente no momento em que abandona a narrativa de sua própria história singular descrita por meio de sua relação com a babá, citado por Freud em cartas a Fliess(Cartas: 69, 70 e 71), considerada seu “originador primordial” (Aran), para então se voltar para a construção de uma teoria universal. Essa experiência que Freud comenta da sua relação com sua babá seria de prazer excessivo e cede lugar, a partir do Édipo, a um empreendimento voltado para o domínio do princípio do prazer:

“Com efeito, “tornar-se homem acabado” faz pensar em uma forma dessubjetivação ancorada na perda da experiência sensível e no afastamento do território feminino da primeira infância. Essa fórmula ganhou o estatuto de referência na psicanálise, inclusive estabelecendo uma equivalência entre as idéias de sujeito e de masculino. Não por acaso – já que tornar-se homem é quase uma evidência –, o impasse da teoria psicanalítica no que se refere à questão da diferença sexual foi pensar “como a menina se torna uma mulher”, ... e que permaneceu até o fim de sua elaboração sobre a sexualidade feminina. Dito

de outro modo, a passagem da teoria da sedução para a teoria do Édipo torna possível perceber como a operação constitutiva dessa forma de subjetividade que tem o masculino como referência passou a se pautar pelo recalque e pela renúncia pulsional” (Arán)

Com isto, Arán atenta para uma forma de subjetividade que tem por referência o masculino e a teoria do Édipo, enraizados nas noções de recalque e de renúncia pulsional – considerados os principais alicerces da construção psicanalítica. Dessa maneira, a proposta dessa autora consiste em, por meio do registro da experiência e da alteridade, resgatar o território feminino do estranho familiar. Na relação com o outro por onde se produzem experiências de prazer e dor, constitui-se marcas psíquicas ligadas aos destinos da pulsão e a configuração de um campo sempre aberto a novas possibilidades de experiências e inscrições no encontro com a alteridade.

O universo da primeira infância carrega em si a dimensão afetiva e pulsional que se instaura na relação da mãe com o filho, constituindo o território erógeno da feminilidade. É a experiência de prazer que está em jogo na relação do bebê com o outro materno, que faz parte do processo de constituição do sujeito. É nesse sentido que e Birman recorre à dimensão do *eu real originário* na medida em que este está ligado à primeira experiência do sujeito, construída na relação com o outro, por onde se imprime um conjunto de traços estabelecidos pelo circuito pulsional. Esse registro é considerado o lugar psíquico da experiência do afeto, ligado à intensidade, tratando-se de um campo sempre aberto a novas impressões em relação às marcas mnêmicas já existentes. A primeira inscrição da pulsão dá origem a um corpo através da experiência de auto erotismo, o corpo é também um destino para a pulsão, em O ego e o Id Freud diz que o “o eu é antes de tudo um eu corporal”, “não é um ser de superfície, mas é ele mesmo a projeção de uma superfície”.

Para construir o conceito de feminilidade Birman e Aran articulam a metapsicologia da pulsão e a dimensão do afetiva do eu real originário, colocando a feminilidade como base da experiência analítica. A articulação entre a materialidade da pulsão e o eu real originário traz à tona a necessidade de pensar a experiência do afeto como uma experiência quantitativa. Recuperar a idéia de afeto torna-se fundamental para conceber o próprio erotismo, diz Birman. A experiência de afetação, que é a própria experiência de erotismo, fez com que Birman aproximasse a Psicanálise da Arte. A experiência da afetação, o se deixar afetar, serviria como base para pensar “a possibilidade da mobilidade pulsional e com isso a transformação do psiquismo e o próprio desenvolvimento de uma análise” Aran

O percurso da análise leva o sujeito a uma experiência de desamparo, na medida em que se sai da posição masoquista diante do outro, que faria com que o sujeito se desvencilhasse da referencia

fálica ao se deparar com a angústia do real que o constitui. “Assim, a desfalicização pode ser pensada não mais como pela metáfora da castração, o que implicaria em ter ou não o falo, mas sim pela assunção da feminilidade. Esta última nos permitiria abrir um caminho para o erotismo e a sublimação” Aran.

Dessa forma, erotização e sublimação caracterizam o registro psíquico da feminilidade. O território erógeno da feminilidade pressupõe uma aventura de “risco e aventura” Birman. Homens e mulheres, contudo, resistem aceder a essa posição, justamente porque ela põe em questão as referências fálicas.

A passagem do desamparo à sublimação é uma dessas formas de erotização. A criatividade e jogo erótico ligados ao trabalho necessário em direção ao outro fazem parte do território da feminilidade.

Para realizar tal interpretação, Birman recorre ao ensaio de Freud sobre Leonardo da Vinci (1911), em que o conceito de sublimação implica na passagem direta da pulsão sexual perverso-polimorfa para o registro da criação, sem que seja necessária a passagem pelo recalque. A novidade seria essa passagem direta, que promove uma conjugação entre o erotismo e a sublimação. Esse seria o solo fértil da feminilidade em que estão presentes sempre mesclados o erotismo e as possibilidades sublimatórias. A feminilidade envolve então os destinos da pulsão, sendo “... a revelação do que existe de erógeno no desamparo, a sua face positiva e criativa, isto é, o que este possibilita ao sujeito nos termos de sua possibilidade de se reinventar permanentemente” Birman.

Tanto Birman quanto Arán sinalizam a possibilidade de se pensar o campo da subjetivação de forma mais ampla, pois além da subjetivação calcada no modelo fálico-édipico, em que estão em jogo o recalque e a renúncia pulsional, há outras maneiras de se tecer o processo subjetivo, desenhado pela nova cartografia da feminilidade, que não tenha um único modelo dominante.

Uma composição erótica singular para o campo da subjetivação é então traçada. Pois não podemos escapar da incompletude, da insuficiência e das nossas oscilações pulsionais inerentes a nossa condição de sujeito, que nos indicam e nos impelem a um caminho a atravessar, e encontrar maneiras de nos re.inventar, e re.descobrir.

O feminino enquanto processo, é movimento e auto engendramento. A lógica do sujeito e do feminino enquanto processo seria a autopoiese, que não é uma lógica de identidade. Autopoiese engendra diferenças, a segunda homogeneiza. Porém se pensarmos nas desigualdades sociais históricas provocadas pelo processo civilizatório, que desumanizou e colocou de escanteio pessoas negras e

mulheres, poder dizer EU, atualmente ainda é muito necessário. Porém é importante pensarmos que dentro de uma identidade, existem muitos outros EUS e muitas identificações.

Essa nova cartografia do feminino não parte do falo, é a partir do feminino enquanto fundante do aparelho psíquico e como meta da análise, que a dimensão do eu real originário, se apresenta como território da dimensão quantitativa da pulsão e do afeto, emergindo e se articulando ao conceito de sublimação como passagem direta da pulsão sexual ao registro da criação. A pulsão, segundo Birman, tem a possibilidade de mesclar-se a sublimação. Introduzindo assim outras formas das mulheres se relacionarem com a feminilidade, que não pela via exclusiva da maternidade, como Freud postulou. Através do reencontro com o desejo, a erogeneidade e com a criatividade.

A Psicanálise se aproxima da Arte no que se refere a experiência de afetação, que faz parte da experiência do erotismo. Afetação e sublimação são o solo da feminilidade e da experiência analítica. A feminilidade é a poesis do ato analítico, é a dimensão da arte enquanto consentimento e disponibilidade em abandonar as certezas fálicas, e em ser capturado pelo procedimento estético, instrumento sensível para compreender, escutar, sentir e perceber, tanto por parte do analista quanto por parte do analisando. Entrar em contato com o estado de risco e de imperfeição com o trabalho criativo e erótico necessário em direção ao outro, a outras maneiras de inventar. “A feminilidade é uma porta para a sublimação” (Birman).

Essa noção de alteridade, o limite da técnica psicanalítica da interpretação como também das subjetividades ancoradas na lógica fálica, abre caminho acerca da dimensão estética da clínica, chamada por alguns autores de clínica do sensível ou clínica implicada.

Esse estilo clínico é um contraponto a uma suposta neutralidade do analista, considerando seus afetos e sua implicação, e é de extrema importância para o manejo de questões vitais para a psicanálise nos dias de hoje que não foram contempladas na teoria freudiana, como as questões raciais, do racismo e a consideração da branquitude no plano da clínica. A experiência do racismo se dá no campo relacional e é negada pela sociedade brasileira, um dos argumentos é de que exista uma suposta “democracia racial”. Uma das defesas egóicas é a da negação, que provoca cisão e projeção. Portanto, torna-se urgente que enquanto analistas cada um reveja seu lugar de escuta e as implicações decorrentes disso, pois certamente temos muitos pontos cegos e é importante considerar que num processo de cisão decorrente de uma negação do reconhecimento de questões como o racismo, podem acontecer sim reviolentações e mesmo sabendo que não há garantias, torna-se urgente implicar-se com essas questões.

A experiência do racismo é vivenciada como um trauma de muito sofrimento, que deixa marcas e passa pelo corpo. Experiências traumáticas não se inscrevem pelos processos de simbolização, palavras desconectadas de afeto ou ausência de palavras sobre o trauma. Nessa perspectiva, para que seja feita uma desconexão subjetiva racista e uma integração egóica, somos convocados de maneira implicada a levar em consideração a dimensão da corporeidade e dos afetos, apontando para abertura aos encontros de alteridades como possibilidade de composição subjetiva. Analista emprestando corpo como caixa de ressonância (Ferenczi), em um ambiente e vínculo de confiança, metabolizando o que não pode ser dito, no ritmo singular de cada paciente devolvendo não necessariamente com interpretações, mas também com manejo, ligado mais à forma que ao conteúdo. Para assim constituir a análise como uma experiência integradora, para que a palavra possa ter um valor simbólico e sentidos possam ser construídos.

Importante ressaltar que se implicar, não é o mesmo que sentir empatia: capacidade de projetar a personalidade de alguém num objeto, de forma que este pareça como que impregnado dela. Por definição então empatia supõe distância, justamente porque não se está no lugar do outro que tenta se imaginar o que é estar lá, e quais sensações, percepções e pensamentos se teria. **Implicar não é se imaginar no lugar do outro, é aceitar o lugar que se está e ser afetado por ele, lugar e intensidades tem que ser experimentados, dessa maneira pode ser possível uma forma conhecimento que não pressupõe essencialismos e suposto saber.** Implicação é envolvimento e comprometimento, sair da racionalidade que classifica, julga, divide e enclausura em nome da ciência, que valida apenas um modo de existência.

“Como se vê, quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. **Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer.** Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada” Fravet Saad

Contudo, a experiência da feminilidade é a experiência de afetação, de se deixar afetar, emprestar corpo, experiência da imanência – de dentro para fora- e é também a experiência da sublimação- de invenção e criação, que aponta impreterivelmente para uma nova maneira, uma forma radicalmente outra e efetiva de considerar a alteridade e de escutar. Com “o surgimento do conceito de feminilidade na teoria psicanalítica, que permite pensar formas de subjetivação que não necessitam de um modelo transcendente, universal e vertical para se referir ao outro” Aran. É nesta medida, que considerar a afirmação radical do outro como diferença, com a noção de feminilidade e a partir dela,

pode ser um caminho para pensar novas formas de escutar e novos destinos para formas de subjetividade e coletividade.

“ A criação se faz em gargalos de estrangulamento. Mesmo numa língua dada, mesmo no francês por exemplo, uma nova sintaxe é uma língua estrangeira dentro da língua. Se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades, não é um criador. Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível”. Deleuze

Referências Bibliográficas

- Aran Márcia. O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação, (2006)
- Alonso Silvia Leonor, Gurfinkel Aline Camargo, Breyton Danielle Melanie. Figuras clínicas do feminino no mal estar contemporâneo, (2014)
- Birman Joel. Por uma estilística da existência, (1996)
- Birman Joel. Gramáticas do erotismo, (2001)
- Derkyk Edith. Linha do Horizonte: por uma poética do ato criador, (2012)
- Derkyk Edith. Linha de Costura, (2010)
- Fonseca Eliane Accioly. Corpo de Sonho: Arte e Psicanálise, (1998)
- Frayze, João A Pereira. Arte e Dor- inquietações entre estética e psicanálise (2010)
- Freud. Recordar, Repetir, Elaborar, (1914)
- Freud. Moisés e o Michelangelo (1914)
- Freud. Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância, (1910)
- Freud. Análise Terminável e Interminável,(1937)
- Freud. Construções em Análise (1937)
- Freud. Escritores criativos e devaneios, (1907)
- Freud. Organização genital infantil, (1923)
- Freud. Sobre sexualidade feminina, (1931)
- Freud. Sobre o narcisismo: uma introdução, (1914)
- Freud. O ego e o id, (1923)
- Freud. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, (1905)

Freud. A pulsão e seus destinos, (1915)

Khel Maria Rita. Deslocamentos do Feminino, (1998)

Kupermann Daniel, Tedesco Silvia, Jr Auterives Maciel - Polifanias: Clínica, política e criação, (2005)

Machado, Ana Maria. Ponto a ponto, (2006)

Winnicott. O brincar e a realidade, (1975)

Winnicott. O ambiente e os processos de maturação, (1979)

Links:

Cult Revista- Dossiê Psicanálise entre femininos e feminismos- setembro 2018

Saad, Jeanne Favret, Ser Afetado,

<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263/54376> (2005)

NBRAGA, Ana Paula Musatti; ROSA, Miriam Debieux, Articulações entre psicanálise e negritude: desamparo discursivo, constituição subjetiva e traços identificatórios,

<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/575>

Rolnik, Suely. O mal estar na diferença,

<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Malestardiferenca.pdf>

2º Semestre 2019

Ciclo IV

Aluno: Christiane Soares Pinto

Título: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIVÊNCIA DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA A PARTIR DA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Pensar em mulheres vivendo em situação de violência, a partir da perspectiva psicanalítica, implica pensar uma multiplicidade de cenários e configurações possíveis, ao contemplar a singularidade de cada sujeito que possa estar inserido na referida situação. Dessa forma, são consideradas possibilidades quer de gozo, quer de ganho secundário, relacionadas a essa vivência, ao lado de condições concretas de vida, assim como de relações primordiais que formam tanto homens quanto mulheres como sujeitos.

Diversos trabalhos de Freud, notadamente acerca de determinadas fantasias, orientam esse pensamento, assim como alguns estudos, realizados posteriormente, por psicanalistas que adotaram a abordagem vincular, de modo a possibilitarem algumas indagações que contemplem a situação tanto a partir das relações sociais, intersubjetivas, como a partir de questões intra-subjetivas, relacionadas ao psiquismo e a individualidade das pessoas em questão. Isso porque tais perspectivas não são excludentes, ou seja, pensar a partir da Psicanálise não desconsidera a existência de questões sócio-culturais, questões essas presentes também na formação desse universo intrapsíquico e fantasmático do sujeito.

Em relação aos estudos realizados por Freud, especialmente em seu texto “Uma criança é espancada”, de 1919, o autor aborda uma fantasia perversa, bastante comum em indivíduos neuróticos, que seria despertada, ou intensificada, em muitos casos, a partir de cenas da violência de um adulto exercida contra uma criança. Tal despertar se daria, quer por meio da visualização dessa referida cena, notadamente na escola, onde algumas crianças visualizariam professores batendo em alunos, quer por meio da imaginação da mesma, a partir de determinadas leituras com conteúdo violento, a exemplo do livro, mencionado por Freud, “A Cabana do Pai Tomás”, que aborda questões relacionadas a escravidão nos Estados Unidos. Freud menciona, porém, que o início dessa fantasia seria anterior a esse

denominado despertar da mesma, sendo que o observado por volta dos 5 ou 6 anos de idade possa representar “um resíduo e não uma manifestação inicial”. Dessa forma, a fantasia é apresentada como constituída em uma considerável extensão temporal, isso considerando o desenvolvimento das diferentes fases da mesma, ao lado de sua relação com o Complexo de Édipo. Esse desenvolvimento histórico-temporal não é considerado simples, mas envolve algumas inversões, assim como alterações na posição de alguns personagens que participam da trama (FREUD, 1919, p.197).

Nesse mesmo texto, Freud indaga a relação entre a presença da referida fantasia e o fato dos criadores da mesma terem sido, ou não, “educados com ajuda da vara”, mas, ao que parece, desconsidera tal vivência, ou a ausência desta, como possível desencadeadora desse processo, considerando, mais adiante no texto, a origem dessa fantasia relacionada a “causas acidentais” (FREUD, 1919, p.194-195). Dessa forma, compreendemos que tais causas acidentais continuam passíveis de investigação, em termos de desenvolvimento teórico.

Outra das inúmeras considerações do autor, no decorrer desse mesmo texto, aponta para a presença da fantasia de espancamento como um traço primário de perversão, lembrando que tal fantasia pode ser, também, sublimada ou reprimida ao longo do processo de desenvolvimento. A partir dessa perspectiva desenvolvimentista, presente no pensamento freudiano acerca da sexualidade, ao lado de outras, a perversão estaria relacionada ao fato de ter ocorrido fixação em alguma fase pré-genital do desenvolvimento sexual. Cabe ressaltar, no entanto, a existência de diferentes leituras e compreensões da sexualidade, destacando a possibilidade de que, mesmo após o advento da genitalidade, outras formas de prazer possam permanecer, uma vez que a pulsão perverso polimorfa permanece. Assim, com base nessa outra perspectiva, a fantasia em questão é compreendida como uma fantasia presente em indivíduos neuróticos, como busca apresentar, no texto, o próprio Freud (FREUD, 1919, p.196-197).

Ao descrever a fantasia, em si, o autor salienta que abordará, nesse referido texto, somente os casos femininos. Desse modo, na primeira dentre as três fases distintas da fantasia, a premissa construída e relatada é “*O meu pai está batendo na criança*”, com o posterior acréscimo, “*que eu odeio*”. A ideia presente é de que o pai bata numa criança rival, concorrente desse amor paterno, sendo observada, a partir daí, a presença de ciúme, ao lado de interesse egoísta e, conseqüentemente, culpa. A criança busca se sentir amada, nesse momento, considerando, a partir dessa premissa, a existência de um desejo de que o pai bata na criança rival e escolha amar a autora da fantasia. A culpa, assim, além de estar relacionada ao ciúme, fica atrelada, igualmente, ao sentimento incestuoso, a esse desejo de ser amada genitalmente pelo pai. A presença desse sentimento incestuoso aponta para o Complexo de

Édipo, considerando que, nessa fase, “a vida sexual da criança atingiu o estágio de organização genital, agora que o seu amor incestuoso conseguiu essa prematura escolha de objeto” (FREUD, 1919, p. 201).

Na segunda fase da fantasia, que contém a premissa “*Estou sendo espancada pelo meu pai*”, a criança que apanha é a autora da fantasia. Podemos observar, assim, que enquanto na primeira fase a fantasia apresenta uma tendência sádica, na segunda fase fica constituída marcadamente como uma fantasia masoquista. O sentimento de culpa, que foi observado na primeira fase dessa fantasia, tem participação fundamental nessa inversão que ocorre na passagem para a segunda fase, uma vez que a culpa, aliada ao amor pelo progenitor, são componentes básicos dessa fantasia de ser espancada pelo pai.

Dessa forma, o sentimento amoroso persiste nessa inversão, concedendo o colorido da excitação sexual a essa passagem de fase, presente na fantasia. Em termos de desenvolvimento sexual, é observada uma regressão da fase genital para a fase anal-sádica. A premissa “*Meu pai me ama*” – subentendida pelo fato do pai bater na criança rival, na fase anterior, torna-se agora “*Meu pai me bate*”, sendo que esse bater implica punição, em razão da culpa originada na fase anterior, ao lado do domínio, ou amor anal-sádico.

Freud (1919) salienta que essa segunda fase costuma permanecer completamente inconsciente, de forma a ser observada, muitas vezes, como uma construção em análise. Pode-se pensar, dessa forma, na hipótese de que a intensidade do afeto, relacionado a essa fase da fantasia, possa estar relacionada a referida permanência da mesma no inconsciente. Lembrando também que, nessa transformação da tendência sádica em masoquismo passivo, por conta notadamente do sentimento de culpa, a excitação e o onanismo já se anunciam.

A terceira fase da fantasia abarca uma modificação mais ampla, pois, quem bate já não é o pai e quem apanha já não é a autora da fantasia. Sua premissa é a que dá nome ao texto “*Uma criança é espancada*”. Aqui, segundo Freud (1919), existe excitação sexual manifesta, ao lado da possibilidade de satisfação masturbatória, o que, diante da cena de uma criança sendo espancada, acaba por configurar, novamente, uma tendência ao sadismo. A criança, autora da fantasia, permanece agora no lugar de expectador.

Nessa fase não aparece o pai como autor do ato de violência, há substituição do pai por outra pessoa que possa simbolizar autoridade, como o exemplo antes mencionado do professor batendo em alunos. Esses alunos podem, igualmente, seguir representando a criança autora da fantasia, pois, nessa fase, após a regressão para a fase anal-sádica ocorrida na fase anterior, não há diferenciação entre os sexos. Além disso, de acordo com Freud (1919), muitas meninas ao se afastarem do amor incestuoso

pelo pai, acabam por abandonarem também a feminilidade, sendo essa outra hipótese explicativa para a presença dos meninos nessa terceira fase da fantasia. Ou seja, psiquicamente, a menina autora da fantasia pode ser, a partir de diferentes perspectivas, representada pelos meninos que apanham do professor.

Nesse texto, Freud questiona a existência de um masoquismo primário, ao considerar o masoquismo como uma inversão do sadismo, que teria se voltado contra o eu (FREUD, 1919, p. 207). A partir de 1920, no entanto, essa ideia de um masoquismo originário é retomada, notadamente quando da elaboração do conceito de pulsão de morte.

O início da elaboração do conceito de pulsão de morte, apresentado por Freud em 1920, no texto “Além do princípio do prazer”, parte de alguns questionamentos acerca da primazia do princípio do prazer, isso, especialmente, a partir da constatação do que poderia ser considerada uma exceção a sua ideia de que os sonhos sempre contêm a realização de um desejo (FREUD, 1920). O autor menciona que em alguns casos específicos, a exemplo dos sonhos de sobreviventes de guerras, foram observadas repetições de vivências que incluíam eventos traumáticos, apontando para a referida hipótese de nem todo sonho conter a realização de algum desejo. Em relação a essa hipótese, o autor afirma:

Se não quisermos que os sonhos dos neuróticos traumáticos abalem nossa crença no teor realizador de desejos dos sonhos, teremos ainda aberta a nós uma saída: podemos argumentar que a função de sonhar, tal como muitas pessoas, nessa condição está perturbada e afastada de seus propósitos, ou podemos ser levados a refletir sobre as misteriosas tendências masoquistas do ego (FREUD, 1920).

Desse modo, as tendências ao retorno, à repetição de experiências previamente vivenciadas, foram pensadas, também, como tentativas de reviver ativamente, de elaborar, o que foi vivido passivamente, de maneira traumática, o que remete a participação da pulsão de dominação nesse mecanismo. Ao lado desse pensamento, desponta, igualmente, a ideia quantitativa ou econômica, onde o prazer estaria relacionado a diminuição da excitação, ao retorno ou manutenção de um estado de quietude, de modo que os desejos poderiam conter essa tendência à diminuição da atividade que, em última instância, acarretaria na possibilidade de retorno a inorganicidade ou, em outros termos, a morte.

Em seu texto “O Problema econômico do masoquismo”, de 1924, Freud aborda a questão da incompatibilidade do masoquismo com o princípio do prazer e busca relacionar esse referido princípio

com as pulsões de morte e de vida. É ressaltada, também, nesse momento, a tendência à estabilidade, relacionada ao denominado princípio de nirvana, que visaria à manutenção das somas de excitação tão baixas quanto possível. O princípio de nirvana, assim, apresenta-se, num primeiro momento, como “supostamente idêntico” ao princípio do prazer, ideia que vem a ser relativizada pelo fato de ser este princípio, de nirvana, um representante da pulsão de morte (FREUD, 1924).

São diferenciados, assim, três princípios que norteariam a vivência humana, sendo o princípio do prazer - relacionado à libido, princípio de realidade – relacionado com o mundo externo e princípio de nirvana – relacionado à pulsão de morte. De acordo com Freud, esses três princípios podem “tolerar-se mutuamente”, ainda que eventualmente alguns conflitos entre eles possam vir a existir (FREUD, 1924, p. 180).

A ideia de um masoquismo originário fica, dessa forma, associada à pulsão de morte, sendo esse masoquismo, originário ou erógeno, considerado como um resíduo dessa pulsão que teria permanecido no sujeito, não sendo direcionada a qualquer objeto (FREUD, 1924). A ideia de uma inversão do sadismo ao masoquismo parece incluir, assim, uma regressão a esse masoquismo originário. De acordo com relevante observação de Cerruti (2007, p. 73), o masoquismo desponta como “um dos argumentos privilegiados para a reflexão da coalescência entre as pulsões de vida e de morte”.

Outros dois tipos de masoquismo, contudo, são apresentados em “O problema econômico do masoquismo”, além desse referido masoquismo originário ou erógeno, Freud apresenta, também, o masoquismo feminino, ao lado do masoquismo moral. O masoquismo erógeno ou originário, contudo, aparece na base dos outros tipos de masoquismo (FREUD, 1924).

O masoquismo feminino diz respeito a posição de passividade, podendo ser relacionado à segunda fase da fantasia exposta em “Uma criança é espancada”, enquanto o masoquismo moral relaciona-se a relação intrapsíquica entre o superego e o ego. Vale lembrar, porém, que os diferentes tipos de masoquismo encontram-se, muitas vezes, bastante entrelaçados, sendo possível encontrarmos sujeitos que exteriorizem seu masoquismo moral justamente por meio de aproximações de realização da fantasia contida em “Uma criança é espancada” quando, por exemplo, uma mulher com superego sádico, busca no mundo externo por parceiros que possam corresponder a essa sua instância, envolvendo-se, frequentemente, em relações onde o companheiro possa representar esse referido superego, colocando-a na posição do ego masoquista, reproduzindo, muitas vezes, a referida cena fantasiada, descrita no texto de Freud, sendo que, nesse caso, não mais uma criança, mas uma mulher acaba sendo espancada.

Dessa forma, despontam algumas possíveis relações existentes entre a intersubjetividade e o masoquismo, de modo que o estudo das relações objetais, assim como o estudo dos vínculos, apresentam-se como ferramentas significativas para a compreensão de algumas vivências em situação de violência, como a descrita no exemplo do parágrafo anterior.

De acordo com Moguillansky (2008), a noção de relação de objeto remete aos trabalhos de Melanie Klein, onde está presente a ideia de que o mundo interno dos sujeitos está povoado por objetos internos, com os quais o eu dialoga. A noção de vínculo surge, contudo, de acordo com o mesmo autor, a partir da necessidade de “pensar o sujeito do inconsciente como um sujeito da herança” (MOGUILLANSKY, 2008, p. 3).

Mandelbaum (2010) afirma que em meados da década de 1950, em Palo Alto, Califórnia, a partir de estudos desenvolvidos por Gregory Bateson, o “doente mental” viria a ser considerado não mais de maneira isolada, mas inserido em seu grupo familiar, como parte de um sistema, onde cada membro teria a sua localização nesse referido grupo regida pelas relações estabelecidas com os demais membros (MANDELBAUM, 2010, p. 44).

Desse modo é observada a relevância dada a contextualização do sujeito e à localização do sofrimento psíquico no vínculo, assim como é notado, também, o enriquecimento da compreensão psicanalítica a partir desses conceitos que, de certa maneira, já estavam contidos nos escritos freudianos, notadamente ao tratar da identificação, do lugar do outro na vivência de satisfação, assim como na narrativa do Complexo de Édipo (MOGUILLANSKY, 2008).

Em relação aos mitos familiares, o artigo de Antonio Ferro, de 1974, elucida algumas questões ao abordar esses referidos mitos como representantes de uma série de crenças compartilhadas pelos membros da família, de maneira a participarem da própria constituição desse grupo, na medida em que contém informações a respeito dos “papéis mútuos” a serem desenvolvidos pelos membros da família, assim como a respeito da natureza de suas relações (MANDELBAUM, 2010, p. 49).

Esses mitos, crenças e fantasmas compartilhados pelo grupo familiar acabam participando de maneira bastante enfática na dinâmica de muitas famílias, a ponto de determinadas ações, a exemplo da escolha do parceiro, acabarem por sofrer a interferência dos referidos mitos de modo bastante significativo. Isso considerando, também, as possibilidades de transmissão de conteúdos psíquicos, pelo grupo familiar, muitas vezes de maneiras onde são lidas e transmitidas informações, mesmo quando não são ditas. Em relação a essa transmissão psíquica, podem ser pensadas diferentes questões sócio-culturais, assim como familiares, considerando que o indivíduo, ao nascer inserido em determinada cultura, carrega consigo marcas dessa cultura, que vem sendo transmitidas através das gerações.

De acordo com Paiva e Gomes (2008), são observadas duas modalidades de transmissão psíquica: intergeracional e transgeracional. Na transmissão intergeracional é observada a transformação do conteúdo psíquico, existe um encadeamento de informações, “uma evolução entre o que é transmitido e o que é herdado e depois adquirido”. Em relação a modalidade transgeracional, observa-se, no entanto, que não ocorrem modificações nem integração psíquica (PAIVA e GOMES, 2008, p. 18).

No caso da transmissão transgeracional, o conteúdo transmitido segue em seu estado bruto, não elaborado, de maneira que diferentes traumas e violências vivenciadas por membros da família, de outras gerações, podem despontar na atualidade, buscando elaboração.

Pensando em questões relacionadas às vivências em situações de violência, Ruiz-Correa (2008) afirma que:

...quando consideramos a violência pensamos numa ação que intimida o outro no espaço da intersubjetividade e intra-subjetividade, dentro de um contexto social atravessado pelo poder ou domínio a partir do qual se invade o território do sujeito (com diversas ações) de natureza predatória psíquica e/ou física, transformando-o em “objeto” (RUIZ-CORREA, 2008).

A autora aborda, nesse referido trabalho, a ideia de trauma de René Diatkine (1982), que define o trauma como uma situação diante da qual o psiquismo do sujeito “não tem condições de diminuir a tensão provocada seja por uma ação ou uma reação emocional imediata que possa resultar numa elaboração mental suficiente” (DIATKINE, 1982 apud CORREA, 2008). Correa (2008) considera, ainda, dois destinos psíquicos diferentes para o trauma, sendo que um deles, que vai ao encontro do que, muitas vezes, ocorre com mulheres em situação de violência, diz respeito à possibilidade da experiência entrar em contato com o desejo inconsciente. Nesses casos, segundo a autora, ocorreria um desequilíbrio de forças pulsionais, assim como do Eu, o que acarretaria, após um período de latência, em diferentes sintomas e inibições diversas (CORREA, 2008).

Assim, pensando na relação da experiência traumática vivenciada, ao lado da referida dinâmica do masoquismo, que prevê a existência de um gozo nessa “objetificação” mencionada por Correa (2008), notadamente por contemplar, segundo Cerruti (2008) a tentativa de se fazer objeto, de “responder ao impossível enigma do desejo do outro”, despontam questões relacionadas notadamente a possibilidades de explorar vivências outras, por parte de mulheres, a partir de determinadas fantasias que possam abrigar, ou seja, possibilidades de buscas por modos alternativos a essa vivência de repetidas relações abusivas.

Por outro lado, igualmente, surgem questões relativas a possíveis modos para lidar com esse conteúdo traumático que pode restar presente, muitas vezes, a partir de experiências de situações de violência, vividas por mulheres de gerações anteriores, pensando a partir da transmissão psíquica transgeracional. Isso ao lado das questões histórico-sócio-culturais que, além de serem também transmitidas, delimitam, muitas vezes, o lugar de muitas mulheres, por conta de inúmeras restrições, tanto por questões sócio-econômicas, quanto por questões de cunho cultural e tradicional, delegando a essas mulheres, muitas vezes, limitados lugares para a vivência de suas fantasias perversas, ou erótico-sexuais, cabendo destaque ao passivo lugar de vítimas.

Dessa forma, a questão da violência contra mulheres, assim como do vitimismo das mesmas, segue em pauta, configurando uma questão desafiadora, por conta da complexidade que o próprio fenômeno dessa violência específica encerra, por representar dinâmicas amplamente difundidas em diferentes sociedades, por considerar narrativas historicamente construídas, e mesmo por conter participação na história do próprio desenvolvimento da civilização, onde mulheres foram e são objetificadas, não somente para seu próprio gozo, mas também como mercadoria primitiva, anteriormente ao advento do capital.

Tais experiências, ainda que longínquas, de certa forma, permanecem permeando psiquismos e agrupamentos de mulheres, de maneira que o lugar utópico de igualdade entre homens e mulheres segue como um idílico ideal a ser conquistado.

Referências Bibliográficas

- CERRUTI, M. Q. Bate-se numa mulher: Impasses da Vitimização. Dissertação apresentada a Faculdade de Psicologia da USP. São Paulo, 2007.
- FREUD, S. Uma criança é espancada. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996/1919.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996/1920.
- FREUD, S. O problema econômico do masoquismo. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996/1924.
- MANDELBAUM, B. *Psicanálise da família*. Editora Casa do Psicólogo. São Paulo, 2010.
- MOGUILLANSKY, R. Representação, relação de objeto e vínculo. Uma visão pessoal sobre a “noção de vínculo”. In: GOMES, I. C. *Família: Diagnóstico e abordagens terapêuticas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- PAIVA, M. L. S. C. e GOMES, I. C. A transmissão da vida psíquica familiar. In: GOMES, I. C. *Família: Diagnóstico e abordagens terapêuticas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- RUIZ-CORREA, O. B. Grupo Familiar e Traumatismo – Dispositivos de trabalho. In: *Família: Diagnóstico e abordagens terapêuticas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

2º Semestre 2019

Ciclo V

Aluno: Cristiane Maria Freitas de Mello

Título: A SERVIDÃO VOLUNTÁRIA NA CIDADE PERVERSA

O presente trabalho parte do cotejo entre as reflexões do autor e filósofo Dany-Robert Dufour, no livro “A cidade perversa”, e do autor e psicanalista Joel Birman, na obra “Arquivos do mal-estar e da resistência”, visando a uma possível intersecção entre os seus pensamentos.

A ideia de buscar esse ponto de conexão entre os mencionados autores veio da minha angústia diante dos fatos políticos recentes no mundo e, particularmente, no Brasil do governo Bolsonaro, até para tentar compreender diversos fenômenos, a exemplo do ódio crescente, que vem recrudescendo movimentos racistas, anti-intelectualistas, entre outros, e a apatia geral em seu derredor.

Penso que o exame desses fenômenos é importante para a Psicanálise, uma vez que a constituição e a modificação da subjetividade humana se dão no campo da alteridade e do laço social.

E a Psicanálise, por sua vez, pode fornecer ferramentas para o exame da contemporaneidade e da subjetividade da nossa época, dada a inequívoca relação entre inconsciente, subjetividade e cultura.

Mas é preciso esclarecer que não busco uma discussão complexa sobre os efeitos da ascensão da extrema direita no Brasil. A intenção, de ambição mais estreita, é tentar entender, com base na teoria apresentada pelos dois autores, as razões da imobilidade daqueles que, não obstante assistirem a esses acontecimentos, aceitam passivamente os eventos políticos, a exemplo das decisões do atual governo, que transita entre o delírio, a demência e a irresponsabilidade.

É certo que não há a pretensão de ter *a resposta*, mas uma das respostas possíveis, até porque se trata de tema, como diria Freud, sobredeterminado, o que pode apenas permitir, ao final, uma tentativa de sintetização ou interpretação mais inteligível de dois textos complexos.

A verdade é que tentar reduzir a poucas páginas uma discussão tão complexa, não é nada mais que lidar com a minha própria dor, a minha tristeza diante de uma realidade tão aviltante.

Para iniciar, transcrevo uma frase do filósofo Dany-Robert Dufour que, na minha opinião, muito se aplica ao nosso momento histórico: “o povo constituído de neuróticos em desamparo pode tomar como senhor, se não o primeiro louco que aparecer, pelo menos aquele que tiver dado mostra de maior rigor”¹.

Essa frase emblemática já sinaliza uma possível consequência da condição de desamparo do neurótico, que estará sempre buscando segurança e construindo para si uma ilusão de um salvador, sem incompletudes. No entanto, não é sobre o neurótico que Dany-Robert Dufour vai falar em sua obra, mas sobre o perverso.

O autor começa abordando a prematuridade do nascimento do homem, que o torna incapaz de atingir seu desenvolvimento germinal completo, necessitando completar-se em outro lugar que não na primeira natureza. É dizer, o homem, diversamente dos outros animais, deve completar-se numa segunda natureza, chamada comumente de cultura.

Esse discurso vai nos remeter ao desamparo originário do homem que, segundo Dufour², é remediado quando supõe um ser infinito em relação ao qual o eu se coloque na posição de tudo dever, isto é, quando se subpõe como sujeito desse grande Sujeito (o Outro).

Quando esse Sujeito é estabelecido, segundo o autor, surge a estrutura fundamental da subjetivação, que traz os polos de toda enunciação possível: “eu (o um)”, “tu (o outro)” e “ele (o Outro)” - “falo a ti a propósito dele”³.

Sabemos que o sujeito para falar necessita de, no mínimo, um outro. É dizer, faz-se necessário ao menos dois, um “eu” que fala a um “tu”, formando um pequeno círculo, trocando periodicamente de posição, ou seja, aquele que fala torna-se aquele que ouve e vice-versa. Esse pequeno círculo estaria intrincado num círculo maior, que conteria o “Ele”.

O “eu” e o “tu” têm a incumbência, segundo o autor, de “alucinar” esse terceiro que lhes falta, para encontrar o remédio para seu desamparo. É dizer, na solução neurótica, a dívida simbólica, cerne de todos os conflitos, é conjuntamente suportada pelo “eu” e pelo “tu”, representando o conjunto dos falantes.

Na solução psicótica, trazendo a ideia de *forclusão* de Lacan, a recusa de se submeter ao Outro⁴ (Ele), leva o “eu” do pequeno circuito a se colocar na posição do “Ele” do grande circuito – o que exclui o “eu” de toda interlocução com o “tu”.

¹ DUFOUR, Dany-Robert, A cidade perversa, p. 292.

² DUFOUR, Dany-Robert, A cidade perversa, p. 282.

³ DUFOUR, Dany-Robert, A cidade perversa, p. 295.

⁴ O autor esclarece à luz da formulação de Lacan, uma vez que, no caso do psicótico, o Outro encontra-se aí em forclusão.

Já na perversão, o “eu” ocupa, **diante do “tu”**, a posição eminente que o “Ele” ocupa em relação a todo sujeito falante (“eu” e “tu”). **Em síntese, o perverso coloca-se diante do “tu”, de todo outro, na posição do Outro (Ele) para garantir o seu gozo, ou seja, colocando todos a serviço do seu gozo.**

Falando de gozo, é importante esclarecer que não é só na dimensão sexual que se concretiza o seu mandamento, pois o gozo também tem lugar na paixão de possuir mais, de dominar, bem como na de ver e saber.

O perverso, portanto, imagina ser o Outro para garantir o seu gozo, numa metamáxima sadeciana assim enunciada: “para que eu não seja vítima do outro, para que tenha todos os direitos, para que assim seja definida minha irreduzível identidade, é necessário e suficiente que o outro seja minha vítima”⁵.

Na solução perversa, portanto, a alteridade vai se esvaziando e o outro é reduzido a objeto de gozo.

O que teria essa enunciação de tão atual no Brasil?

A democratização do gozo está inserida no âmbito do próprio capitalismo, especialmente a partir da transição do capitalismo de produção para um que privilegia o consumo, com proletarianização do consumidor, ou seja, com exploração da libido do consumidor⁶, sob a ordem de “gozar cada vez mais”.

Ocorre que, conforme esclarece Birman, a desigualdade de gozos se manteve na modernidade e, com isso, o narcisismo passou a ser reforçado, pois cada um pensa no próprio gozo, à custa da extorsão do gozo do outro.

Mais que isso, é pedido ao consumidor proletarianizado que consuma até onde puder. Então, esse gozar a qualquer custo, com os signos ofertados pelo corpo e pelo consumo, se depara com uma contradição, uma vez que não existe uma distribuição justa de gozo, especialmente em países como o Brasil, cuja desigualdade de distribuição é inquestionável.

“Goze a qualquer preço”

Birman sustenta que é dessa mencionada contradição que surge, por exemplo, a violência, a criminalidade, pois o sujeito se depara diante da seguinte lógica: “se a distribuição justa do gozo é

⁵ DUFOUR, Dany-Robert, A cidade perversa, p. 46.

⁶ Mesmo que tal exploração possa levar o indivíduo à destruição, aumentando os processos de adicção, com destruição do planeta e incentivo à compulsão.

impossível, é preciso arrancá-lo custe o que custar, com as mesmas armas usadas pelos acumuladores do gozo coletivo”⁷.

Mas a questão do desamparo, inerente à condição humana, vai assumindo condições traumáticas na contemporaneidade diante do mal-estar da cultura. Esse desamparo tem bases históricas, como sustenta Birman, a partir das inúmeras rupturas sofridas pelo indivíduo do iluminismo, que acreditou na sua soberania e na resposta da razão.

Diz-se isso porque, mesmo levado pela ideia de esclarecimento, o sujeito se viu coisificado pelo capital, nos termos do quanto sinalizado por Marx. Já o homem da consciência, nos termos da teoria freudiana, se deparou com forças vindas do seu inconsciente, e o “além-homem” de Nietzsche constatou que as verdades são produzidas por relações de forças existentes entre os homens e o homem político começou a duvidar da luta coletiva, porque reduzida à uma soma de pretensões individuais de uma minoria.

Esse herdeiro do iluminismo encontra-se, portanto, na contemporaneidade, em total desamparo, pois que sem o suporte ilusório das respostas da razão e da sua suposta soberania.

É nesse cenário que Birman⁸ vai apontar as modalidades perversas de construção psíquica como forma por excelência pelas quais o sujeito recusa a sua condição de desamparo:

Com efeito, se considerarmos a dimensão traumática que o desamparo do sujeito assume nas condições atuais do mal-estar na civilização, as modalidades perversas de construção psíquica são as formas por excelência pelas quais o sujeito recusa a sua condição de desamparo, uma vez que não consegue constituir destinos eróticos e sublimatórios para este.

Para Charles Melman⁹, a perversão se tornou uma norma social e a tendência, não apenas nos quadros das relações de trabalhos, mas em todas as circunstâncias, é de descarte do objeto quando se avalia que é insuficiente, se tornou sem uso ou fonte de despesas sem contrapartida.

Melman¹⁰ sustenta que estamos passando de uma cultura fundada no recalque dos desejos (cultura da neurose) a uma outra que recomenda a livre expressão e promove a perversão. Para o autor, a saúde mental não se dá mais a partir da harmonia com um *ideal do eu*, mas com um objeto de satisfação.

⁷ BIRMAN, Joel. Arquivos do mal-estar e da resistência, p. 75.

⁸ BIRMAN, Joel. Arquivos do mal-estar e da resistência, p. 54.

⁹ MELMAN, Charles. O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço, p. 54.

¹⁰ MELMAN, Charles. O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço, p. 15, ao defender “uma nova economia psíquica”.

O “não querer saber de si” está no ideal do perverso, que nega a castração, a necessária renúncia ao gozo do outro.

Nesse sentido, Melman vai apontar as razões que tornaram possível essa nova economia psíquica relativa à perversão:

Há um progresso considerável, mas, ao mesmo tempo, como frequentemente ocorre, portador, sem dúvida, de pesadas ameaças. O progresso considerável é ter efetivamente percebido o fato de que o céu está vazio, tanto de Deus quanto de ideologias, de promessas, de referências, de prescrições, e de que os indivíduos têm que se determinar por eles mesmos, singular e coletivamente.

E o “gozar a qualquer preço”, segundo Melman, depende tão somente da expansão econômica, acelerada, mundializada que, para se sustentar, precisa ver a ruptura da timidez, dos pudores, das barreiras morais, dos interditos, a fim de criar e manter a população de consumidores sedentas pelo gozo perfeito, sem limites e aditivos.

Nesse sentido, e na lógica perversa, retomando os sujeitos falantes mencionados no início do texto, teremos um “eu”, que se coloca na posição do “Ele” (Outro), diante do “tu”, tendo-o como seu objeto de gozo, a seu serviço.

Então, quem seria esse sujeito que se coloca na condição de objeto do gozo do perverso?

Para Birman, seria o sujeito da servidão voluntária, o masoquista que se submete ao gozo do outro. Não o masoquista que se deleita com o sofrimento, mas aquele que permite que o outro faça o que quiser com o seu corpo e o seu espírito, para fugir à condição de desamparo.

Logo, o sujeito da servidão vai se submeter ao outro de maneira servil, seja de forma voluntária ou involuntária. É o masoquismo como modalidade de subjetivação ou, como quer o autor, como *forma primordial de subjetivação*.

“Goze com o meu corpo como quiser e me submeta, mas não me deixe sozinho com o meu desamparo”

É daí que surge a relação entre aqueles que se sujeitam aos outros para evitar o desamparo – seria o masoquismo como forma de subjetivação – e aqueles que desafiam o desamparo, colocando-se na posição do “Ele” (Outro) diante do outro, desejando que esses outros estejam a serviço do seu gozo – seria a perversão como forma de subjetivação.

Ainda que afastada a questão do masoquismo como forma primordial de subjetivação, também é possível trazer a afirmação de Lacan¹¹ de que, para lidar com o desamparo, os neuróticos adotam o ideal do eu do Outro, ficando presos à demanda do Outro (parental, educacional, social).

O desejo do homem é de ser desejado pelo Outro parental, daí se inicia todo um ciclo de sujeição, pois é o desejo daquele, sempre enigmático, que desperta a curiosidade, a capacidade de ler e interpretar gestos, ações, entre outros, ou seja, o que move o homem, dando vida aos seus próprios desejos.

Em recente debate¹² nas dependências do CEP sobre os “mal-ditos na história da psicanálise”, um dos debatedores, o Dr. Marcelo Checchia, falou sobre alguns escritos de Otto Gross, que já apontava sobre essa condição de masoquismo diante, inicialmente, do Outro parental.

Indagado sobre como o sujeito, que, inicialmente, estaria sujeito ao Outro parental e, depois, também ao Outro educacional, social e político, poderia sair desse ciclo de sujeição, Dr. Marcelo Checchia respondeu que seria através de investimento no “eu”, por meio da educação e da psicanálise.

Talvez a minha tristeza, oriunda das questões políticas atuais, encontre nessas palavras a esperança de uma revolução futura, sobretudo com o uso da psicanálise como ferramenta possível para saída dessa condição de servidão na cidade perversa.

Diz-se isso porque a psicanálise e a educação podem ser instrumentos capazes de proporcionar ao sujeito uma reformulação da interpretação que faz do desejo do Outro, podendo conseguir uma mudança subjetiva, para deixar de ser aquele sujeitado à demanda do Outro e se tornar um sujeito que deseja, embora não mais sujeito ao Outro.

Referências Bibliográficas

BIRMAN, Joel. Arquivos do mal-estar e da resistência. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

DUFOUR, Dany-Robert. A cidade perversa: liberalismo e pornografia. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

FINK, Bruce. Introdução clínica à psicanálise lacaniana; tradução Vera Ribeiro – 1.ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MELMAN, Charles. O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço. Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun – tradução: Sandra Regina Felgueiras – Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

¹¹ FINK, Bruce. Introdução clínica à Psicanálise Lacaniana., p. 75.

¹² O debate ocorreu em 26/04/2019, no auditório do CEP, contando com a presença de mais dois debatedores: Claudio E. M. Waks e Gustavo Dean Gomes.

2º Semestre 2019

Ciclo VI

Aluno: Martha Pereira de Almeida Pinedo

Título: O RITMO E O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO

I -

Introdução

A formação em psicanálise requer um estudo aprofundado dos textos de Freud e a compreensão de sua metapsicologia. É a partir dele que podemos seguir uma ou outra escola de pensamento, explorar áreas de atuação e ainda priorizar o (ou os) autores com os quais nos identificamos e para os quais iremos recorrer como suporte em nossa prática clínica. Esse processo de identificação ficou bastante claro para mim ao longo dos 3 anos de formação. O tripé teoria/ análise pessoal / supervisão, vem me levado à pesquisar sobre os primórdios do desenvolvimento infantil, por acreditar que ali se alojam as origens das principais patologias psíquicas.

A literatura psicanalítica há muito vem explorando a importância das experiências subjetivas antecedentes à aquisição da linguagem como responsáveis pela qualidade da constituição psíquica do sujeito adulto. A prática clínica nos leva a refletir sobre as primeiras experiências de vínculo e sobre posição que o adulto, na qualidade de bebê, ocupou dentro da dinâmica familiar. A meu ver, quanto mais compreendermos as raízes da constituição psíquica do sujeito, melhores condições teremos de atuar na clínica.

Para essa reflexão, escolhi “O ritmo” como tema por entender a importância de sua função subjetivante na construção dos primeiros vínculos e no processo de desenvolvimento.

II –

A palavra ritmo pode ser entendida sob diversos aspectos.

O dicionário Houaiss define o termo como: *Sucessão de tempos fortes e fracos que se apresentam alternada e regularmente; cadência, compasso: ritmo*

poético. Ou ainda: Movimento que ocorre em períodos regulares: ritmo cardíaco.

Alteração regular e compassada no decorrer de fatos ou situações: o ritmo das estações.

Do ponto de vista da psicanálise, vários autores se dedicaram a pensar sobre o termo e sua importância para a constituição psíquica. Nesse trabalho, pretendo trazer algumas contribuições de Donald W. Winnicott, Regine Prat, Victor Guerra e René Roussillon por entender que dialogam e compartilham pressupostos epistemológicos.

Guerra foi um dos psicanalistas que mais sublinhou a importância do ritmo no processo de subjetivação do bebê. Em seu texto “O ritmo na vida psíquica: diálogo entre psicanálise e arte”(2017), apresentou a seguinte definição de ritmo:

A repetição de uma experiência a intervalos regulares que
permite organizar uma experiência e oferecer uma
vivência de continuidade, mas com a integração
progressiva de descontinuidade, do inesperado.

O psicanalista acreditava que as psicopatologias graves encontrariam suas origens no descompasso das primeiras experiências rítmicas entre o bebê e sua mãe.

Alguns autores porém, se arriscaram a explorar o ritmo ainda na vida intrauterina. É o caso de Regine Pratt (2007). A psicanalista francesa aponta para aqueles momentos em que a mãe, ao colocar a mão sobre a sua barriga e exercer uma leve pressão rítmica, provoca um movimento e deslocamento do bebê que vem encostar a cabeça em sua mão e passa, a partir daí, a acompanhá-la em novos movimentos. Ela chama a atenção para uma possível alternância binária entre contato e perda de contato antes mesmo do nascimento. Para a autora, trata-se de uma experiência rítmica e de um possível diálogo entre mãe e filho.

Pratt traz ainda outras possibilidades de experiências rítmicas dentro do útero, como o brincar com o cordão umbilical ou com uma gota de sangue. Sugere que tais movimentos poderiam remeter a um jogo de bola e levar a experiências ativas como um *fort-da* intra uterino.

Nesta mesma linha, não seria arriscado pensar a experiência de nascimento como uma vivência rítmica. As contrações e o ritmo crescente de expulsão poderiam ser, em última instância, um diálogo entre dois corpos em movimento.

Ao nascer, o bebê é inundado por novas sensações: luz, sons, frio, calor,

fome, sono e cólica entre tantos outros.

O ritmo é um dos primeiros organizadores desses fluxos sensoriais e pulsionais. Ele introduz alguma ordem no tempo e no espaço e ajuda a integra-los. Mãe e filho passam, através do ritmo, a criar as primeiras experiências de vínculo. Poder captar essas intensidades sensoriais e os tempos do bebê é fundamental para favorecer o encontro. Winnicott reforça a importância dessa fase no texto “Preocupação materna Primária” (1956):

“A mãe que desenvolve esse estado ao qual chamei de “preocupação materna primária” fornece um contexto para que a constituição da criança comece a se manifestar, para que as tendências ao desenvolvimento comecem a desdobrar-se, e para que o bebê comece a experimentar movimentos espontâneos e se torne dono das sensações correspondentes a essa etapa inicial da vida.”

Um pouco mais adiante, ele reforça:

“Somente no caso de a mãe estar sensível do modo como descrevi poderá ela sentir-se no lugar do bebê, e assim corresponder às suas necessidades.”

Roussillon (2006) somou um novo olhar ao conceito de Winnicott ao apresentar o conceito de “Lei Materna” – em contraponto à Lei Paterna de Lacan - como sendo aquela do respeito ao ritmo do sujeito. E propôs que, na relação mãe-bebê, este respeito se dê através da adequação da mãe aos tempos do “*infans*”.

O sono. A vigília. O banho. A troca. O leite.

O sono. A vigília. O banho. A troca. O leite.

O psicanalista francês (2003) reforça a importância do ritmo como organizador de uma temporalidade que possa tornar previsível os movimentos da mãe.

O ritmo define uma sequência, permite antecipar um seguimento, observar uma regularidade e, portanto, “prever” a sequência seguinte.

A previsibilidade do que está por vir leva à confiança no ambiente. E o fator “confiança”, segundo Winnicott, é fundamental para que o bebê possa “continuar sendo”.

É possível afirmar contudo que a função do ritmo vá muito além da rotina diária. Ele marca intervalos de presença e ausência da mãe. Intervalos de excitação e relaxamento, de trocas e rupturas de olhar, de ser segurado e ser largado.

Como qualquer música, o ritmo possui quebras e intervalos. Há uma cadência de continuidade e descontinuidade. De separações. Hiatos. Silêncios. Na saúde, esse ritmo compartilhado entre mãe e filho, produz a marca do encontro e dá início ao processo de subjetivação.

Guerra (2017) nos traz um resumo preciso desse processo quando diz: *Nasce um ritmo, nasce um vínculo*.

Esses primeiros contatos corporais, embalados pelo ritmo compartilhado, foram traduzidos por Roussillon (2003) como “coreografia do encontro”. Com seus diferentes compassos rítmicos, quase imperceptíveis, duas mãos se enlaçam, corpos se aproximam e se sustentam, formando um quadro de beleza e harmonia.

Partindo da proposta do psicanalista francês, proponho um olhar mais minucioso ao “pas de deux”, pois me parece ser o estilo que mais se assemelha à essa coreografia. Vejamos: o grand pas de deux é composto por cinco partes. A entrada, o adágio, 2 variações e a coda. Na primeira etapa os bailarinos se apresentam e se posicionam um perto do outro como preparação para o adágio. No segundo momento, o bailarino executa movimentos lentos e elegantes. Com força e equilíbrio fornece suporte – um braço, uma mão - para que a bailarina possa realizar proezas de equilíbrio que seriam impossíveis de serem executadas sem ajuda. Na terceira parte os bailarinos se separam e cada um executa um solo, mostrando ao público suas habilidades. Nesse momento, um assiste as proezas do outro com ar de cumplicidade. A coda como segmento final, apresenta uma recapitulação das partes anteriores.

A cena da dupla que dança em um embalo perfeitamente entrosado chega a ser hipnotizante para quem observa.

Dependência e independência.

Aproximação e separação.

Apoio e sustentação

Assim como no “pas de deux”, as primeiras experiências de vínculo são pautadas por movimentos corporais, toques e olhares, embalados pelo ritmo único da díade em seus diferentes tempos. Para Winnicott (1969), trata-se de uma experiência de mutualidade. Como exemplo, refere-se a um bebê de 12 semanas que, ao mamar, olha para o rosto da mãe, levanta a mão e a coloca em sua boca. O autor reforça:

Desta maneira, assistimos concretamente a uma mutualidade, que é o começo de uma comunicação entre duas pessoas: isto (no bebê) é uma conquista desenvolvimental, uma conquista que depende de seus processos herdados que conduzem para o crescimento emocional e, de modo semelhante, depende da mãe e de sua atitude e capacidade de tornar real aquilo que o bebê está pronto para alcançar, descobrir, criar.

A comunicação estabelecida pelo ballet do encontro é também recheada por uma prosódia especial que a mãe utiliza ao se dirigir ao filho: o manhês. Através desta linguagem o bebê é colocado na posição de interlocutor da mãe que estabelece uma sequência de turnos na fala, criando uma relação de interdependência e uma expectativa de participação de ambas as partes no diálogo. Na saúde, a função materna reconhece o bebê como um sujeito, traduz o seu balbuciar e lhe confere um significado.

Pratt (2017) nos lembra dos vários níveis de comunicação que podem entrelaçar-se ou dissociar-se. O nível superior, caracterizado pelas palavras e enunciados, ou seja, o texto propriamente dito. E o nível subjacente, constituído pelas trocas não verbais. Este último trata da prosódia, ou seja, do contorno melódico do discurso: modificações de entonação, ritmo da fala e rupturas dentro da frase. Ainda neste nível de comunicação, a autora inclui a espacialização corporal, caracterizada pelos movimentos de aproximação e separação dos que dialogam, pelas trocas ou desvios de olhares e pelas posturas de cada um. Na saúde, o ritmo do corpo se entrelaça com o ritmo das palavras e o canto da voz.

Arrisco dizer que a sensorialidade e o ritmo das palavras podem facilmente se sobrepor ao discurso em si. Inúmeros são os casos – na relação mãe-bebê, na clínica ou em qualquer outra situação

discursiva - em que percebemos como a forma, o tom e a musicalidade do discurso tornam-se protagonistas frente ao seu conteúdo.

Interessante notar como vários autores vêm se dedicando a observar a função do ritmo – seja no encontro dos corpos ou da voz - dando ênfase nas relações primitivas. Contudo, é fácil perceber que ele está presente em toda e qualquer relação. Como psicanalistas, creio ser fundamental nos atentarmos a ele em nossa prática clínica.

Referências Bibliográficas

GUERRA, V. (2015). El ritmo e la ley materna en la subjetivación y en la clínica infantil. *Revista uruguaya de Psicoanálisis (en línea)* (120): 133-152

_____. (2017). O ritmo na vida psíquica: diálogos entre psicanálise e arte. *IDE* (São Paulo), vol 40, p 31-54.

_____. (2017). O ritmo, a musicalidade comunicativa e a lei materna na artesanaria da subjetivação humana. *Revista de Psicoterapia da Infância e da Adolescência*. N. 26, p 8-21.

MARTINS, P.G.; GIARETTA, V. (2017). A função subjetivante do ritmo em um contexto de atendimento psicanalítico. *Revista Brasileira Psicoterapia*; 19(2): 59-71

PRAT, R. (2007). A pré-história da vida psíquica: seu deir e seis traços na ópera do encontro e o processo terapêutico. *Revue Française de Psychanalyse*, v.71.

ROUSSILLON, R (2003). A dependência primitiva e a homossexualidade primária “em duplo”.

WINNICOTT, D. (1961). A Experiência Mãe-bebê de Mutualidade. Explorações psicanalíticas.

_____. (1956). A Preocupação Materna Primária. Da pediatria à psicanálise.